

**JUVENTUDE E IDENTIDADE:
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DE ALUNOS DO BAIRRO DA RASA EM
ARMAÇÃO DOS BÚZIOS/RJ**

ANA CAROLINA DE SOUSA VAZ

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF
CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
MARÇO – 2015**

**JUVENTUDE E IDENTIDADE:
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DE ALUNOS DO BAIRRO DA RASA EM
ARMAÇÃO DOS BÚZIOS/RJ**

ANA CAROLINA DE SOUSA VAZ

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.
Orientadora: Prof^a Dr^a Bianka Pires André**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
MARÇO – 2015**

**JUVENTUDE E IDENTIDADE:
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DE ALUNOS DO BAIRRO DA RASA EM
ARMAÇÃO DOS BÚZIOS/RJ**

ANA CAROLINA DE SOUSA VAZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a Bianka Pires André.

Aprovada em _____ de _____ de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Gisele Maria Ribeiro de Almeida
(Doutorado em Sociologia – Universidade Estadual de Campinas)
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Giovane do Nascimento
(Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana – Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

Prof.^a Dr.^a Lilian Sagio Cezar
(Doutorado em Antropologia Social – Universidade de São Paulo)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

Prof.^a Dr.^a Bianka Pires André (Orientadora)
(Doutorado em Educação – Universidade de Barcelona)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares, amigos e ao meu irmão que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram para a realização desse sonho. Em especial:

À Deus, por todas as bênçãos concedidas ao longo dessa caminhada e que me possibilitaram chegar ao final de mais esta etapa.

Aos meus pais: companheiros, amáveis, carinhosos, dedicados e pacientes. Pela tranquilidade, equilíbrio e estrutura que sempre a mim concederam e principalmente, por terem me proporcionado a oportunidade de estudar na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, durante a graduação e o mestrado, longe deles, acreditando e respeitando minhas decisões e nunca deixando que as dificuldades atrapalhassem a realização dos meus sonhos. A vocês serei eternamente grata.

Ao meu irmão, Felipe, que sempre torce para que eu vença os desafios e alcance as conquistas. Obrigada por acreditar em mim.

Arthur, por todo amor, carinho, lealdade, paciência e apoio demonstrado durante toda essa caminhada. Sua companhia foi fundamental na realização desse trabalho.

Aos meus amigos, que me incentivaram com palavras de carinho, além de me proporcionarem momentos de alegrias incomparáveis.

À minha orientadora Dr^a Bianka Pires André, por toda atenção, comprometimento, competência, compreensão e apoio. Muito obrigada!

Às amigas: Vanessa de Castro Bersót Pereira e Alcimere Maria Siqueira, a quem agradeço imensamente por terem me recebido em suas casas durante esse período. Obrigada pelo companheirismo! Vocês foram muito importantes na realização desse sonho.

Aos professores: Dr. Carlos Henrique Medeiros, Dr. Gerson Tavares do Carmo, Dra.^a Rosalee Santos Crespo Istoe e Dra.^a Fernanda Castro Manhães, profissionais que agradeço imensamente pelo apoio, incentivo e colaboração durante toda essa trajetória.

Aos professores: Dr.^a Gisele Maria Ribeiro de Almeida, Dr. Giovane do Nascimento e Dr.^a Lilian Sagio Cezar por participarem da minha banca de defesa e contribuírem no aperfeiçoamento da minha pesquisa. Meus sinceros agradecimentos.

Agradeço, enfim, a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho e da concretização deste grande sonho da minha trajetória acadêmica.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo conhecer a visão dos alunos sobre si mesmo e sobre a localidade em que vivem, analisando que elementos identitários fazem parte da formação social e cultural destes jovens. Buscou-se ainda conhecer como a escola vem trabalhando as questões da construção da identidade e do sentimento de pertencimento desses alunos. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e etnográfica, através de revisão bibliográfica, questionário, observações e análise de redações escritas pelos alunos. Como marco teórico, foram selecionados autores e pesquisadores que vêm tecendo posicionamentos pertinentes às questões abordadas neste estudo. Percebemos uma juventude que ao se expressar sobre sua vivência na cidade de Armação dos Búzios tem, em sua fala, frases carregadas de baixa autoestima, considerando que não fazem parte desse ambiente. Verificamos que esses jovens apresentam um maior sentimento de pertencimento em relação ao bairro em que vivem do que em relação à cidade de Armação dos Búzios.

Palavras-chave: Identidade; Sentimento de pertencimento; Juventude; Cidadania.

ABSTRACT

The research aimed to assess students' views about yourself and about the locality in which they live, analyzing identity elements that are part of the social and cultural background of these young people. We tried to even know how the school has been working the issues of identity construction and the sense of belonging of these students. The methodology was qualitative and ethnographic nature, through literature review, questionnaire, observations and analysis essays written by students. The theory framework of authors were selected and researchers who come weaving relevant placements the issues addressed in this study. We noticed a youth to express themselves about their experience in the city of Armacao dos Buzios, in his speech, loaded phrases of low self-esteem, whereas not part of that environment. We found that these young people have a greater sense of belonging in relation to the neighborhood in which they live than for the city of Armacao dos Buzios.

Keywords: Identity; Sense of belonging; Youth; Citizenship.

LISTA DE SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEFI - Instituto de Educação e Formação Integral Judite Gonçalves

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa do bairro da Rasa	58
Figura 02 – Troféu dos Jogos Estudantis de 2012	82
Gráfico 01 – Como os alunos consideram a cidade de Armação dos Búzios	59
Gráfico 02 – Você gostaria de morar em outra cidade?	59
Gráfico 03 – Satisfação dos pais e/ou responsáveis em relação ao bairro	61
Gráfico 04 – Como os alunos consideram o bairro em que vivem	64
Gráfico 05 – Você gostaria de morar em outro bairro?	65
Gráfico 06 – Momento em que os alunos se sentem parte do bairro	67
Gráfico 07 – Atividades que costuma fazer no tempo livre	69
Gráfico 08 – Avaliação dos alunos sobre a escola em que estudam	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Estratificação de dados	51
Tabela 02 - Bairro em que moram	57
Tabela 03 – Lugar em que os alunos gostariam de morar	60
Tabela 04 – Bairro em que os alunos gostariam de morar	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA MODERNIDADE LÍQUIDA	15
1.1 Contextualizando o momento histórico	15
1.2 Reflexões sobre a construção de identidade	19
1.3 O sentimento de pertencimento	24
2. JUVENTUDE: AS EXPECTATIVAS E OS ESTILOS DE VIDA	29
2.1 Concepções de juventude	29
2.2 Os estilos de vida e a “crise de identidade”	33
2.3 Culturas juvenis	36
3. DILEMAS E DESAFIOS EDUCACIONAIS EM TEMPOS LÍQUIDOS	38
3.1 Construindo identidades no espaço escolar	39
3.2 Parâmetros Curriculares Nacionais: orientações para a construção da cidadania.....	41
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	45
4.1 Características do ambiente pesquisado	46
4.2 Constituição da amostra e análise dos resultados	47
CONCLUSÕES	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE 1	93
APÊNDICE 2	94
APÊNDICE 3	99
Anexo 1	101

INTRODUÇÃO

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998), na adolescência e juventude atuais, o processo de construção de identidade iniciado na infância torna-se particularmente crítico. Os mais diferentes espaços e meios apresentam-lhe um volume crescente de informações e apelos, cada qual com projetos e valores peculiares, o que gera uma tensão permanente diante da questão “quem sou eu?” (PCNs, 1998). Essa constatação nos motivou a conhecer como vem sendo construída a identidade de jovens do 9º ano de uma escola municipal no bairro da Rasa, em Armação dos Búzios.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é conhecer a visão dos jovens sobre si mesmos e sobre a localidade em que vivem. Como objetivos específicos, buscamos analisar que elementos identitários fazem parte da formação social e cultural dos jovens, além de conhecer como a escola vem trabalhando as questões da construção da identidade e do sentimento de pertencimento desses alunos.

A escolha por conhecer os jovens do bairro da Rasa, em Armação dos Búzios/RJ, parte do pressuposto de que a cidade é alvo de produção de informações relacionadas à paisagem e à cultura local, além de o referido bairro encontrar-se distante do centro urbano e se constituir, em sua maioria, de quilombos e famílias de baixa renda, justifica-se ainda devido a minha atuação como Orientadora Educacional, durante dois anos até a presente data, também em uma escola no bairro da Rasa, que atende à alunos do Ensino Fundamental I. Este atendimento vem proporcionando inquietações em relação a maneira como os pais e/ou responsáveis e os alunos se referem à cidade e ao bairro em que vivem. Frequentemente é possível observar um distanciamento entre os moradores do bairro da Rasa (e bairros próximos) e a cidade de Armação Búzios, principalmente no que se refere à utilização de espaços públicos, como por exemplo oficinas ao ar livre, esportes, postos de saúde, eventos etc. É comum ouvir a justificativa de que o acesso às atividades que “Búzios” oferece é difícil, limitada ou é longe, considerando que o bairro não faz parte da cidade de Armação dos Búzios ou que o que é proporcionado no “centro” não é oferecido aos moradores da Rasa.

O bairro da Rasa está situado na periferia do município de Armação dos Búzios, cidade que oferece aos visitantes uma geografia paradisíaca, belas praias,

exuberância da caça submarina e facilidade de deslocamento para a cidade do Rio de Janeiro. Além da mídia e dos investidores locais “venderem” uma imagem de uma cidade onde o turista encontrará a tranquilidade e a felicidade.

Segundo o documento do projeto ConheSer Búzios¹, durante a década de 1950, a praia da Armação começou a receber as primeiras residências de veraneio, construídas, reformadas ou alugadas por famílias da burguesia brasileira e francesa. A partir de 1964, a temporada de férias da atriz Brigitte Bardot em Búzios repercutiu em todo o mundo. Os meios de comunicação que divulgaram as notícias classificaram o balneário como um dos mais charmosos do mundo, o que provocou, a partir daí, um intenso e contínuo fluxo de turistas, o que ocorre até hoje. Vale ressaltar que até a década de 1990, Búzios era distrito de Cabo Frio até ser emancipada em 1995.

Em relação à praia da Rasa, podemos classificá-la como uma praia de faixa extensa, com casas de alto valor aquisitivo ao seu redor. É propícia para surfar, nadar, mergulhar ou apenas apreciar suas belezas naturais. Em contraste, o bairro da Rasa, em sua maioria é constituído por moradores descendentes de escravos e de renda familiar baixa. Búzios foi um porto de desembarque de escravos, que passou a clandestino quando a campanha abolicionista tomou o Brasil no final do século 19. É desta época a formação da comunidade negra da Rasa. (Projeto ConheSer Búzios)

Nesse sentido, procuramos, neste trabalho, avaliar criticamente o estereótipo de “balneário turístico paradisíaco” produzido pelos ramos comercial, de turismo e imobiliário, com fins estritamente capitalistas, e que ignoram a história da formação do município, o povo e suas origens e as enormes discrepâncias econômicas e sociais entre seus habitantes. Esta visão que se cria sobre os fatos históricos e a dura realidade da grande maioria de seus munícipes, faz de Armação dos Búzios um lugar que tem silenciado sua memória. Ressaltamos ainda que essa memória é aquela sobre os remanescentes de origem africana, escravizados e enviados para Búzios, e que hoje lutam para que seus direitos sejam reconhecidos.

¹ ConheSer Búzios é um projeto realizado pela Prefeitura de Armação dos Búzios, juntamente com as Secretarias Municipais de Educação e Turismo. O trabalho teve como objetivo capacitar profissionais dos seguimentos turísticos, levando o conhecimento da História do município nos aspectos geográficos e ambientais, com enfoque no atendimento ao turista, além de questões de utilidade pública. Disponível em: <http://jornalfolhadebuzios.com.br/?p=4772>

Para desenvolver este trabalho, a metodologia utilizada é de natureza qualitativa e etnográfica, através de revisão bibliográfica, questionário, observações e análise de redações escritas pelos alunos.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, em primeiro lugar, foram feitos levantamentos bibliográficos acerca dos temas selecionados, afim de esclarecer os conceitos e viabilizar elementos para discussão. Como marco teórico, foram selecionados autores e pesquisadores que vêm tecendo posicionamentos pertinentes às questões abordadas neste estudo, como por exemplo: Hall (2011), Giddens (2002), Castells (1996), Bauman (2001), Filipouski (2012), Sposito (2003), entre outros. Além dos autores citados, recorreremos às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental, buscando aporte teórico para sustentar as reflexões acerca da cidadania e da importância da escola no seu desenvolvimento.

Deste modo, no primeiro capítulo do trabalho, para buscar compreender como ocorre a construção da identidade do jovem, apresentamos uma discussão sobre o contexto histórico atual, pontuando as mudanças que a modernidade líquida vem ocasionando na vida política, social e econômica, discutindo ainda o que se entende por construção de identidade e por sentimento de pertencimento e quais são as características que acentuam (ou não) esse sentimento.

No segundo capítulo, discutimos o conceito do termo juventude diante de uma perspectiva sociológica, abordando sobre as vivências atuais dos jovens que fazem com que se deparem com uma grande multiplicidade de escolhas, como os estilos de vida, por exemplo. Refletindo ainda, acerca das formas que os jovens aproveitam o tempo livre buscando distinguir os termos: condição juvenil e situação juvenil.

Já no terceiro capítulo, abordamos sobre o conceito de cidadania e sobre o direcionamento do trabalho pedagógico para essa formação. Buscamos relacionar a importância do desenvolvimento do sentimento de pertencimento às temáticas trabalhadas na escola.

Após, iniciam-se as discussões em torno dos dados coletados e por fim, tecem-se as considerações finais a respeito da discussão apresentada nesta dissertação.

1. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Inicialmente, acreditamos que para se compreender a construção da identidade do jovem é pertinente analisar o momento histórico em que o mesmo vive, o que se entende por construção de identidade, quais são as transformações que ocorrem durante esse período da vida, assim como o contexto social em que o jovem se encontra.

Nesse sentido, para compreender como ocorre essa construção da identidade de jovens na modernidade líquida, tomaremos como base neste capítulo os estudos de Hall (2011), Giddens (2002), Castells (1996), Bauman (2001) e outros.

1.1. Contextualizando o momento histórico

Durante leituras referentes ao tema, verificamos que o presente momento histórico tem recebido diversas denominações por diferentes autores, tais como: Pós-modernidade, Modernidade Tardia, Alta Modernidade, Modernidade Líquida e Contemporaneidade, porém todos autores compartilham da ideia de que a globalização tem um papel significativo nas construções das identidades.

Desta forma, tratamos este período como o que Bauman (2001) define como modernidade líquida, onde consideramos a globalização como uma marca desta época, se referindo:

[...] àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras regionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (Hall, 1992 apud Hall, 2003, p. 67).

Bauman (2001), assim como Giddens (1991), remontam ao Iluminismo, para descrever as vivências da vida moderna. Giddens ressalva a reflexividade e a radicalização das forças despertadas na Europa a partir do século XVII, que “ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (Giddens, 1991, p. 11), com consequências sobre a velocidade e a intensidade das mudanças. Ainda segundo o autor, as forças despertadas na modernidade estiveram imbricadas

com o Iluminismo e com o elogio da Razão, incentivo da mentalidade que acompanhou as mudanças econômicas, sociais, políticas e tecnológicas a partir de meados do século XVII e do século XVIII.

Para Giddens (2002), a modernidade equivale ao “mundo industrializado”, se referindo às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. (Giddens, 2002, p. 21). Nesse sentido, Giddens considera a ‘Alta Modernidade’ ou ‘Modernidade Tardia’ como a fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade.

De acordo com o autor:

Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum. A mídia impressa e eletrônica obviamente desempenha um papel central. A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto identidade quanto a organização das relações sociais. (Giddens, 2002, p. 12)

Na perspectiva de Bauman (2001):

[...] a pós-modernidade é a modernidade que admitiu a impraticabilidade de seu projeto original. [...] é a modernidade reconciliada com sua própria impossibilidade.” Assim, o autor compreende que a sociedade do século XXI ainda é moderna, se apresentando apenas de modo diferente (Bauman, 2001, p. 36).

Deste modo, percebemos que Giddens (2002) corrobora com Bauman, relatando que a pós modernidade não se refere a uma nova era, mas sim de vivermos as consequências da modernidade de forma mais radicalizada e universalizada, e prefere denominar este momento como Modernidade Tardia.

Este período, segundo Bauman (2001), refere-se as transformações que aconteceram nas formas de conduzirmos nossas vidas, sendo marcada como a era da liquefação do projeto moderno, ou seja, a “modernidade líquida”. O autor se utiliza deste termo ao invés de "pós-modernidade", no sentido de tentar esclarecer uma confusão semântica:

Uma das razões pelas quais passei a falar em "modernidade líquida" e não em "pós-modernidade" [...] é que fiquei cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade, "pós-modernismo" de "pós-modernidade". No meu vocabulário, "pós-modernidade" significa uma sociedade (ou, se preferir, um tipo de condição humana), enquanto "pós-modernismo" refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna. Procurei sempre enfatizar que, do mesmo modo que ser ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. (Bauman, 2004, p. 321)

Segundo o autor, este momento é marcado por mudanças rápidas dos sujeitos, de forma que não exista mais tempo para a solidificação de rotinas, hábitos, relacionamentos e comportamentos, nesse sentido a vida se tornaria líquida, insegura, descartável. Para o autor "a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante." (Bauman, 2005b, p. 8) Para ele, esta é uma sociedade:

[...] em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos, rotinas, das formas de agir. [...] As condições de ação e estratégia de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. (Bauman, 2007, p. 7).

A liquidez a qual se refere sucede da propriedade dos líquidos de se moldarem conforme o espaço e não manterem-se rígidos como os sólidos que precisam de muita força para mudarem suas formas:

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante) os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas "por um momento". (Bauman, 2001, p. 8)

Verificamos que Bauman autentica a ideia de Giddens quando pontua que nesta sociedade líquida são enfatizados os valores individuais e pouco os valores sociais. Para os referidos autores, na sociedade moderna os desejos e interesses já estavam ligados ao indivíduo, porém o que se observa na pós modernidade é uma

exacerbação desses interesses. Assim, podemos observar na modernidade líquida a transformação da socialização para a individualização, marcando intensamente a vida do sujeito pós-moderno, como pontua Hall (2011):

[...] É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto 'vívda' quanto 'conceptualizada' de forma diferente. (Hall, 2011, pág.13).

Para o autor, o capitalismo do consumo está cada vez mais impulsionando o processo de individualização:

[...] Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias. Não admira que o uso/consumo das relações humanas, e assim, por procuração, também de nossas identidades (nós nos identificamos em referência a pessoas com as quais nos relacionamos), se emparelhe, e rapidamente, com o padrão de uso/consumo de carros, imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos. (Bauman, 2005, p. 98)

O autor relata que a sociedade foi transformada pelo consumo incessante, onde "o código em que nossa "política de vida" está escrito deriva da pragmática do comprar" (Bauman, 2001, p. 87). Este é um ponto importante que precisa ser considerado nas discussões sobre a sociedade atual, considerando que a questão da identidade está intimamente ligada as questões do consumo e da busca pelo imediatismo na satisfação dos desejos.

Para Bauman (2001), os objetos de consumo perdem muito rapidamente seu poder de sedução. É indispensável ao sujeito consumir sistematicamente, pois, ao consumir, com a posse dos objetos de consumo, ele se torna um sujeito social ativo.

Esta sedução é generalizada, atingindo todos os indivíduos, mesmo aqueles que não têm recursos para adquirir os bens e serviços, sendo os jovens os mais castigados pelo apelo ao consumo, uma vez que grande parte da mídia é direcionada a este público. Eles estão permanentemente expostos às tendências de consumo, através de milionárias campanhas publicitárias, que apelam para as mensagens de liberdade, glamour e estilo. Os responsáveis pelas mídias esboçam permanentemente em seus trabalhos a ideia de que para ser um jovem bem aceito socialmente é indispensável possuir algum produto. Adquirir um bem de marca

famosa, principalmente aqueles cujas peças publicitárias são veiculadas nos canais de televisão, atribui ao indivíduo um “status” diferenciado perante seu grupo.

Essas mudanças, assim consideradas, também apresentam influência decisiva nos relacionamentos. Bauman (2003) analisa que, nesta sociedade líquida, os sentimentos, em especial o amor, é tratado como mercadoria, o que, para ele, seria o "amor líquido". Ele ainda descreve que "o amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável" (Bauman, 2003, p. 23), referindo-se às rápidas mudanças de situações e em fracassadas ideologias da modernidade.

Por conta dessas complicações da vida líquida, crescem os "relacionamentos virtuais", que de acordo com Bauman (2003, p.78), a proximidade virtual “[...] pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão” e que por conta da instabilidade dos valores e regras, estes relacionamentos virtuais podem ser facilmente mantidos ou desfeitos. Preocupa-se ainda com os escassos relacionamentos "reais" hoje mantidos, pois, por vezes, vem sendo trocados pelos líquidos e superficiais. Segundo Cugini (2008), esta troca de experiências reais é extremamente importante na construção da identidade pessoal e vem sendo desprezada no mundo líquido.

Nesse sentido, no decorrer deste estudo, discutimos a construção da identidade dos jovens, que sofrem esses acentuados impulsos pelas constantes transformações da sociedade, motivadas principalmente pelo fenômeno da globalização. Tais transformações implicam nos modos de ser e de agir do sujeito trazendo impactos e a instabilidade no seu cotidiano.

1.2. Reflexões sobre a construção de identidade

Podemos perceber que diante do fenômeno da globalização as identidades passaram a sofrer modificações, principalmente no que diz respeito as suas (re)significações. Observamos marcas de uma identidade que está a todo o momento sendo construída e reconstruída. Para tanto, Hall (2011, p. 7) argumenta que:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (Hall, 2011, p. 7)

Assim, para Hall (2003) o sujeito pós-moderno é visto como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada cotidianamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do 'eu' coerente (Hall, 2003, p. 12).

Na perspectiva de Giddens (2002), o sujeito pós-moderno encontra-se intensamente na busca do prazer e do desejo individual, mostrando-se pouco interessado em questões relacionadas ao coletivo e à sociedade. Este sujeito mostra-se descentrado, assumindo diferentes identidades em diferentes momentos, ao contrário da concepção do sujeito moderno, que possuía uma identidade fixa e estável.

Nesse sentido, Hall (2011) pontua que só se tende a perceber as situações com um maior grau de importância quando elas se comportam de maneira estranha, fracassando, desestabilizando, desvanecendo etc. Ou seja, neste caso, a identidade se torna o foco de grandes discussões quando está diante de uma crise.

Para o autor, a sociedade está vivendo uma “crise de identidade” que está “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. (Hall, 2011, p. 7) Verifica-se assim que, “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX” (Hall, 2011, p. 9):

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (Hall, 2011, p. 9)

Percebemos que as diversas e constantes alterações no contexto social moderno motivam a descentração do sujeito, notadamente nas relações com ele próprio e na sociedade. A crise identitária ora instalada pode ser entendida como a consequência da perda dessa coesão da identidade moderna.

Porém, vale ressaltar, que a "crise", neste contexto, nem sempre deve ser considerada de forma negativa, pois pode ser propulsora de novas descobertas e possibilidades para troca de experiências, diferentemente de situações anteriores, surgidas destes novos sujeitos descentrados. Portanto, para uma antiga identidade estável, a modernidade produz inúmeras vertentes, nem sempre heterogêneas. Estas identidades incoerentes moldam os conflitos internos do sujeito, o que se percebe no seu comportamento social. Nesse sentido, sua identidade reflete as inúmeras e rápidas mudanças sociais, que por vezes, podem estar causando esta chamada "crise de identidade".

Cabe ressaltar ainda que, de acordo com Hall (2011, p. 24) simplesmente afirmar que a identidade do sujeito moderno é deslocada "é uma maneira altamente simplista de contar a história deste mesmo sujeito" (Hall, 2011, p. 24). Para o autor o sujeito moderno se transformou em três pontos estratégicos durante a modernidade, esta transformação demonstra que o sujeito tem uma história, a partir disso pode ter um início, meio e fim e nos apresenta três concepções de identidade:

- O sujeito do Iluminismo: baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, onde desde o nascimento ao longo de sua vida permanece totalmente o mesmo;
- O sujeito sociológico: seria constituído através das relações sociais, mantidas pela relação do sujeito com a sociedade;
- O sujeito pós-moderno, que na perspectiva de Hall (2003), assume diferentes identidades em diferentes momentos, ou seja, no mesmo indivíduo coexistem identidades contrapostas que são impulsionadas em diversas direções, ocasionando contínuos deslocamentos.

Destacamos ainda que Hall não é adepto da teoria essencialista, aquela que

pressupõe que a identidade cultural é estabelecida ao nascer, naturalmente, como consequência da herança genética familiar. Para esta teoria, a identidade não se permite afetar por aspectos econômicos, políticos, sociais ou culturais.

Em relação ao sujeito do Iluminismo, onde o autor pontua considerar que este permaneceria o mesmo ao longo de sua vida, ressaltamos que nesse momento histórico não haviam a multiplicidade de escolhas que encontramos na modernidade líquida. Deste modo, compreendemos que a identidade desse sujeito não seria considerada fixa e sim, uma identidade que apresentava menos possibilidades de fragmentações e com mudanças mais lentas do que as ocorridas no século XXI.

Assim como Hall, o teórico Castells (1996) cita a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. (Castells, 1996) E, significado, como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (Castells, 1996).

Verificamos, na perspectiva de Castells (1996), que as identidades se ligam às atividades, à história de vida, ao futuro, aos sonhos e fantasias de cada sujeito. Para o autor, as identidades permitem, de um lado, sua percepção como sujeito único, tomando posse de sua realidade individual e, portanto, da consciência de si mesmo. De outro, permitem a diferenciação entre o eu e o outro, termo de comparação que possibilita o destaque das características identitárias de cada um. Ou seja, para o autor, a identidade refere-se a um conjunto de atributos culturais, os quais se constituem fontes de significados para os próprios atores.

Assim, podemos perceber a construção da identidade na modernidade líquida através das interações com os diferentes sujeitos e espaços sociais, nos quais buscamos, a todo tempo, construir significados para si mesmos. Moita Lopes (2002) pontua que “é na presença do outro com o qual nos engajamos no discurso” que, em última análise, “conforme o que dizemos, o que fazemos e como nos vemos à luz do que o outro significa para nós”. “O que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro” (Moita Lopes, 2002, p. 32).

Já em relação aos espaços sociais, Silva (2013) aponta que:

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionamos pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. (Silva, 2013, p. 31)

Para a Bauman (2008), esse caráter flexível da identidade humana não está relacionado a “como obter as identidades de sua escolha e tê-las reconhecidas pelas pessoas à sua volta” e sim a “que identidade escolher e como ficar alerta para que outra escolha possa ser feita em caso de a identidade antes escolhida ser retirada do mercado ou despida de seu poder de sedução” (Bauman, 2008, p. 187). Para o autor, os sujeitos devem estar atentos a que espaço e momentos utilizar cada identidade que possui, fazendo referência a multiplicidade de identidades que o contexto histórico atual exige.

Dessa maneira, também podemos destacar a força que as tecnologias digitais tem imbricado na construção da identidade humana, que vem sendo cada vez mais influenciada pelos estereótipos veiculados. A cada novo modelo apresentado, os sujeitos procuram se adaptar para que possam fazer parte dele, como relata Hall (2011):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. (Hall, 2011, p.75)

Percebemos que além das influências das relações e dos espaços sociais, os sujeitos ainda são afetados por modelos e estereótipos apresentados a todo momento. Esse caráter de mudança de identidade caracteriza o que Louro (2007) chama de identidades plurais e múltiplas:

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (Louro, 2007, p. 12).

Observa-se que as identidades admitem as mais diversas significações e interpretações. Frente a essas discussões apresentadas, pode-se verificar um fator comum: a compreensão das identidades como processo de construção, contínuo, relacionado com a história e introduzido num conjunto de relações sociais. Assim, é possível observar que o termo identidade tem sido associado ao conceito de cultura, no sentido em que as questões referentes à identidade remetem às relações que os indivíduos mantêm com a cultura que os cercam.

1.3. O sentimento de pertencimento

Referindo-nos ainda às discussões apresentadas, percebemos uma sociedade que convive, simultaneamente, com um processo de descentração crescente da vida individual e social, além de diferentes processos políticos, econômicos e culturais proporcionados pela globalização.

Nesse sentido, podemos verificar que a construção da identidade está intimamente ligada ao ambiente em que o sujeito está inserido, ao sentimento de pertencimento, aos hábitos, às visões e aos posicionamentos perante as situações do dia a dia. Assim, as questões culturais, religiosas, históricas e geográficas se tornam extremamente importantes, fazendo com que o sujeito se sinta pertencente (ou não) ao ambiente e que construa um senso crítico diante das questões cotidianas. Quando discutimos o pertencimento, estamos levando em conta as identidades culturais de cada sujeito.

Nesse sentido, por identidades culturais, segundo Hall (2003), entende-se [...] “os aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e acima de tudo nacionais”. (Hall, 2003, p. 8) Ou seja, identidades culturais referem-se ao encontro das particularidades do sujeito com as vivências em um determinado local.

Já por pertencimento nos remetemos ao compartilhamento de experiências, vivências e características pessoais e coletivas com os demais integrantes de sua comunidade, levando a se acentuar (ou não) a percepção de pertença. Para Bonnemaison (2002): “A correspondência entre o homem e o lugar, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra” (Bonnemaison, 2002, p. 91)

O pertencimento, portanto, induz às relações sociais, à participação do sujeito em uma sociedade, comunidade ou grupo cultural, na sua relação com o espaço físico e também a outras questões relativas aos valores e referências adquiridas continuamente no processo de socialização. Como menciona Sousa (2010, p. 31):

Atente-se para o fato de que, se é instigante reconhecer a atualidade da temática do sentimento de pertencimento – o mesmo podendo ser aplicado às da inclusão e da emancipação –, é instigante indagar sobre o que a motiva e, sobretudo, sobre o que objetiva o pertencer no contexto de uma sociedade tão desigual quanto globalizada e que ao mesmo tempo está em sua causa e é a sua busca. Pertencer a quê? Incluir-se no quê? Enraizar-se onde? Essas são indagações importantes, fazendo pressupor que a necessidade da busca do pertencimento é tão complexa como a da objetivação que fundamenta essa mesma necessidade. (Sousa, 2010, p. 31)

O pertencimento se relaciona com o porquê se de viver em determinado local, quais são os motivos que o fazem gostar ou não daquele lugar, em quais estabelecimentos gosta ou não de frequentar, quais as características daquele ambiente que o fazem se sentir parte ou não daquele local, em quais momentos gosta de frequentar ou não os espaços públicos etc.

De acordo com Farina & Trarbach (2009):

Uma praça, por exemplo, pode ser um ‘lugar’ para as crianças durante o dia e à noite se caracterizar como ‘não-lugar’, quando passa a ser ‘lugar’ para a marginalidade, pois as relações de poder e de pertencimento se modificam ao longo do dia, como também se modifica a função local. (Farina & Trarbach, 2009, p. 4)

Deste modo, o sentimento de pertencimento também pode ser considerado como algo transitório, considerando o estado emocional, cultural e social do sujeito naquele determinado local, tempo e grupo. Isso acontece, por exemplo quando percebemos que, muitas das vezes, a visão de turistas são diferentes de moradores nativos de um determinado local. Os turistas percebem a localidade através de uma

visão fragmentada e/ou momentânea, enquanto os moradores nativos são influenciados diariamente pelos comportamentos, pelas tradições locais, conhecimentos e mitos. O que pode ser um lugar agradável para o turista, pode ser considerado desagradável para o morador, ou vice-versa.

O que se destaca é a posição que o morador assume diante dessa questão. Sua maior relação com o local faz com que suas influências emocionais desejem a todo momento o progresso tanto econômico, quanto social e cultural. Além de, buscar a união de outros moradores em busca de um objetivo comum, aumentando as possibilidades de se atingir um efetivo processo de desenvolvimento.

Já quando essa relação é menor, podem ocorrer sentimentos de exclusão e de inferioridade. Isso ocorre quando, por exemplo, o morador diz não se importar com o que acontece em seu ambiente de vivência por não gostar do mesmo ou por não se sentir parte dele. Ressaltamos que o processo de formação de identidade não se atém exclusivamente aos modos de identificação e de pertencimento, mas também de exclusão.

Lembramos através das palavras de Hall (2011, p. 17-18) que:

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para a vida toda, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (Hall, 2011, p. 17-18)

Para Valle (2002) o sentimento de pertença também nos remete aos laços que prendem o sujeito à sua maneira de ser, aos comportamentos e estilos de um determinado grupo ou comunidade do qual se torne integrante, fazendo com que ele se sinta e aja como participante integral, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e valores.

Nesse sentido, para Bauman (2001), uma comunidade ou bairro, proporciona propriedades específicas, como semelhanças entre os sujeitos que dela pertencem, objetivos comuns, dependência do grupo às mesmas regras e uma história que

aproxima estes sujeitos. A comunidade, assim, apresenta-se como um local de segurança e conforto, bem como de pertencimento identitário.

Ainda em determinadas situações, a relação histórica do sujeito com o local também pode ser considerada como importante no desenvolvimento do sentimento de pertencimento. Isso acontece, por exemplo, com o sujeito que nasceu naquela localidade e vive/viveu no mesmo local durante muito tempo, participando do crescimento e da organização daquele ambiente. Essa relação histórica faz com que o sujeito se sinta também responsável pela estruturação da comunidade.

Outro exemplo refere-se a relação histórica de familiares com a localidade. É muito comum que as crianças e jovens tenham como referência a opinião de seus responsáveis que, quando demonstram satisfação de se viver naquele determinado local, conseguem despertar o mesmo sentimento em seus filhos, ou vice-versa.

Sabe-se que a família é, muitas das vezes, responsável pelas principais experiências da vida dos jovens. É na família que se encontram os primeiros e mais importantes momentos de aprendizagem.

Nesse sentido, a família se torna extremamente importante no desenvolvimento, ou na falta, do sentimento de pertencimento. Isso ocorre, por exemplo, de acordo com a importância que a família oferece aos espaços públicos do local onde vivem, nas oportunidades proporcionadas à utilizar esses espaços, no cuidado e atenção oferecida ao bairro e a cidade, na sua participação como cidadão.

Se a família não acompanha, nem participa dos acontecimentos na localidade em que vivem, dificilmente despertarão nas crianças e jovens esse desejo. Se o olhar da família, em relação ao bairro e a cidade em que vivem, for de inferioridade, essa influência será instantaneamente exercida aos jovens.

Destacamos, ainda, que o sentimento de pertencimento também tem acentuada influência das tecnologias digitais, que hoje, como dito anteriormente, atuam como disseminadores de ideias e práticas voltadas para o consumo, o estabelecimento de padrões de beleza e de comportamento, se pautando, na maioria das vezes por interesses mercadológicos e econômicos. Desta maneira, os padrões estabelecidos também interferem nos posicionamentos do sujeito e no desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

Deste modo, podemos perceber que o desenvolvimento do sentimento de pertencimento pode estar associado à diversos fatores. Para tanto, este sentimento nos dá a noção de que o sujeito pode ser parte de um todo e cooperar para uma finalidade comum aos demais moradores daquele mesmo local ou, em contrapartida, pode não desenvolver esse sentimento e sentir-se excluído, causando rejeição e desprezo pelo local.

2. JUVENTUDE: AS EXPECTATIVAS E OS ESTILOS DE VIDA

Podemos perceber no capítulo anterior que a contemporaneidade tem sido marcada pela velocidade e intensidade das transformações, especialmente na vida social. A sociedade tem presenciado a sensação de superação das barreiras do tempo e do espaço, através da propagação das tecnologias, as quais permitem que diversas pessoas produzam e coloquem em circulação conteúdos, criando espaços virtuais que progressivamente tem criado situações de banalização das relações humanas.

Quando visualizamos esse contexto, conseguimos claramente imaginar a delicadeza da vivência da juventude atual perante todas essas rápidas transformações. Nesse sentido, no presente capítulo abordamos conceitos historicamente seguidos para o termo juventude diante de uma perspectiva sociológica, pontuando, principalmente, tais mudanças na vida dos mesmos.

2.1. Concepções de juventude

Compreendemos que a definição do conceito de juventude pode ser construída a partir de diversos fatores relacionados à fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Assim, os conceitos de adolescência e juventude podem corresponder a uma construção social, cultural e histórica, que através dos diferentes momentos e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes.

Atualmente, o termo adolescência vincula-se mais às teorias psicológicas, ponderando o sujeito como ser psíquico, ajustado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva. Já o termo juventude demonstra-se relacionado ao campo das teorias sociológicas e históricas, no qual a leitura da coletividade prevalece. Deste modo, a juventude é vista através da interação com os processos sociais e na sua inclusão no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história.

Para tanto, utilizaremos a definição da faixa etária utilizada por Catani (2008):

Faixa etária: com limites variando de 10 a 35 anos conforme o propósito de classificação. Entre outros limites, há os que estabelecem os 10 anos para identificar, por exemplo, a condição de jovens pobres que têm poucas oportunidades de viver a infância e a adolescência, logo se inserindo no mundo do trabalho. Há o marco dos 14 anos em países como o Brasil, que representa a idade mínima legal para o trabalho. No outro extremo, chega-se àqueles jovens de classes sociais mais favorecidas, que podem estender sua juventude ao morar com os pais até uma idade mais avançada, demorando a ingressar no que se convencionou chamar de vida adulta. As caracterizações da juventude por faixa etária são bastante utilizadas em estatísticas, na elaboração de políticas públicas e para determinar, por exemplo, as idades permitidas para o trabalho, a censura na mídia e as responsabilidades civil, penal e eleitoral. (Catani, 2008, p. 13)

Utilizaremos, ainda, o conceito de juventude que a autora Filipouski (2012) relata ser uma categoria construída e que não pode ser analisada apenas por critérios biológicos ou jurídicos, considerando que a mesma é investida de valores que, na contemporaneidade, lhe dão um caráter provisório. (Filipouski, 2012, p. 14) Para a autora não existe apenas uma juventude e sim várias:

Elas diferem quanto à classe social, às referências culturais, ao lugar em que vivem e às relações que estabelecem com as famílias ou o contexto próximo. Isso significa dizer que não existe uma juventude, mas jovens que vivem situações plurais e também bastante desiguais. (Filipouski, 2012, p. 16)

Nesse sentido, a autora pontua que é necessário “considerar o significado da juventude em relação à condição juvenil, e também às questões de conjuntura que caracterizam um determinado momento - o tempo em que se é jovem, ou a situação juvenil.” (Filipouski, 2012, p. 16):

[...] viver a juventude num mesmo tempo pode levar jovens de diferentes contextos sociais e culturais a partilharem linguagens, estéticas, sentimentos e valores. Contudo, o modo como experimentam o que os identifica como jovens é vivenciado de forma diversa. (Filipouski, 2012, p. 16)

Como condição juvenil compreendemos que se referem aos significados utilizados por uma sociedade para representar seus jovens em um determinado tempo. Para Filipouski (2012, p. 16), a condição juvenil diz respeito a origens e trajetórias sociais distintas, como exemplifica:

No Brasil, nos anos 1950, os jovens foram vistos como rebeldes sem causa, destacando-se pela predisposição para transgressão e delinquência. Já nos anos 1960 e parte dos 70, a juventude que tem visibilidade é vista como a portadora da transformação para alguns setores da sociedade e ameaça à ordem social para outros. Só mais tarde, ao reelaborar aspectos desse período, que coincidiu com o golpe militar e com o esforço de resistência de setores da esquerda, os jovens passaram a ser vistos como generosos e criativos, que ousaram sonhar e se comprometer com a mudança. (Filipouski, 2012, p. 16)

Assim, percebemos a condição juvenil enfatizando os atributos socioculturais, se referindo à maneira como a sociedade constitui e significa esse momento do ciclo da vida.

Filipouski (2012) pontua ainda que o termo:

[...] situação juvenil corresponde aos diferentes percursos dos jovens a partir de diversos recortes de gênero, etnias, sexo, territorialidade, grupo social, religião etc. bem como aos variados modos de experimentar ser jovem em seu tempo (o que pode ser associado à ideia de geração)” (Filipouski, 2012, p. 17)

Para um melhor entendimento, Abramo (2005) sugere, assim como Abad (2003) e Sposito (2003), que ocorra a distinção entre *condição* e *situação juvenil*:

[...] condição (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional) e situação, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classes, gênero, etnia etc. (Abramo, 2005, p. 41)

Percebemos assim, que para compreender a juventude atual é necessário levar em consideração as mudanças historicamente impressas a essa condição, como por exemplo as mudanças sociais, econômicas, trabalhistas, políticas, culturais etc:

[...] o ingresso na vida adulta não obedece mais a uma sincronia ou a rituais tradicionais. É possível, por exemplo, ser pai ou mãe sem sair da casa dos pais, sem constituir uma nova base familiar ou concluir a escolaridade, aspecto que aponta para a descronologização do conceito. Nas sociedades modernas, de estrutura complexa, a

transição não é mais ritualizada e os limites tornam-se flexíveis. (Filipouski, 2012, p. 18)

Assim, Filipouski (2012, p. 20) pontua que a juventude tornou-se “um modo de ser” que, em tese, pode ser adotado por qualquer um, independentemente da idade e que pode seguir os modelos que desejar:

A identidade juvenil é construída na vivência cotidiana, a partir de práticas e discursos que os jovens adotam e desenvolvem. No passado, ao serem inquiridos a respeito da identidade, os jovens respondiam, em geral, a respeito da sua filiação e do lugar onde vinham. Provavelmente com o acréscimo da idade, essas informações diziam que lugar eles ocupavam no mundo, pois família e território diziam respeito à inserção num contexto social, indicavam vínculos de trabalho, religião, cultura etc. Contemporaneamente, graças ao desenvolvimento da ideia de liberdade individual, iniciada na idade moderna, abriram-se outras possibilidades de manifestação das individualidades. Responder a respeito de quem é deixou de ser tarefa simples para os jovens, por muito tempo entendidos como “em desenvolvimento” [...] (Filipouski, 2012, p. 20)

Percebemos uma sociedade que se classifica como jovem em uma distância de tempo cada vez maior, não se preocupando somente mais com a faixa etária na qual se encontram, e sim apreciando o desejo e o prazer de vivenciar determinadas situações que ocorrem, principalmente, no período juvenil.

Outro fato marcante da juventude atual refere-se ao uso intenso das tecnologias. Para Aratagy (2011) “a atual geração já nasceu plugada, lida com teclas de computadores, laptops, terminais eletrônicos e outros robôs como se fossem prolongamentos de seus dedos.” (Aratagy, 2011, p. 19)

Para os jovens de comunidades periféricas, a informação é mediada com maior força pelos meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão, que por muitas vezes costumam reproduzir estereótipos de juventude, frequentemente associados ao consumo. Contudo, o uso da internet também vem ganhando força nos últimos anos e cada vez mais os jovens a utilizam para expor seus desejos e opiniões e principalmente, para manter relacionamentos afetivos.

Percebemos uma geração 24 horas conectada. O jovem da atualidade é capaz de manter o foco de sua atenção em diversas tarefas ao mesmo tempo. Para Aratagy (2011):

O fato dos jovens em geral estarem multipluggedos, isto é, ligarem simultaneamente vários canais, como: internet, celular, iPod, assustam os adultos que acreditam que eles não se concentram e “perdem muito tempo”. Mas parece que os jovens são mesmo capazes de dividir a atenção entre tantos estímulos e, quanto ao tempo perdido, bem, eles tem tempo para perder. (Aratany, 2011, p. 16).

Filipouski (2012) lembra ainda que “as gerações de jovens que antecederam a atual tinham grandes expectativas e aguardavam com ansiedade a entrada na vida adulta, o que não acontece hoje” (Filipouski, 2012, p. 25). Para a autora, os jovens de hoje preferem desfrutar ao máximo a juventude, sem se preocupar com as obrigações da vida adulta.

2.2. Os estilos de vida e a “crise de identidade”

Cercados, a todo tempo, pelas concepções neoliberais e de globalização, os jovens percebem, nos mais variados ambientes, situações, comportamentos, publicações, produções e exposições intelectuais e na mídia, que vivemos na era do global, do mundial e do internacional, o que lhes impõe novas referências. Este mundo globalizado onde impera um consumo exacerbado de informações, várias delas, descartáveis, distorce percepções de tempo e espaço. Estas percepções se referem à significação da sua cultura, de seus costumes e crenças e de suas origens como indivíduo.

Fruto desse ambiente, o jovem, muitas das vezes, perde suas raízes e, como consequência, iniciam-se vários ciclos de incessante busca por reconstruir os seus significados. Podemos inferir também que, diante destas questões, suas concepções se deslocam permanentemente de um patamar para outro, perfazendo confusos caminhos para o processo de reflexão.

O jovem da atualidade é um ser socialmente globalizado, integrado no tempo e no espaço com estes novos elementos impostos através de todos os canais de percepção. É indispensável, portanto, que se estabeleça e se compreenda a relação entre o processo de globalização, suas consequências, e a modernidade.

O mundo contemporâneo produz inesgotáveis inovações tecnológicas, inúmeros novos ícones e imagens de apelo consumista, gerando produtos e serviços, diversos deles com recursos de comunicação avançados, principalmente voltados para a divulgação e o consumo de informação.

O grande volume de informações consumidas se confronta permanentemente com a individualidade, fazendo com que as opções cotidianas sejam balizadas por elementos econômicos, socioculturais e também políticos. Neste contexto, pode-se incorporar aos fatos e eventos ocorridos em qualquer ponto do planeta, perfazendo o contraponto entre o local e o global.

Giddens (2002) se refere a esta situação como:

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções” (Giddens, 2002, p.13).

Ao apontar que “é cada vez mais importante na constituição da auto identidade e da atividade diária” (Giddens, 1991, p.13), pode-se afirmar que a escolha de estilo de vida, e da auto identidade, na modernidade líquida é um universo de opções concedidas a cada um, a partir das informações e conceitos que são absorvidos.

Podemos perceber assim que as vivências atuais fazem com que os indivíduos se deparem com uma grande multiplicidade de escolhas, e na juventude, principalmente, uma dessas se refere ao que Giddens (2002) chama de estilos de vida:

(...) nas condições da alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo – não temos escolha senão escolher. Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque forma material a uma narrativa particular da auto identidade. (Giddens, 2002, p. 79)

Para Giddens (2002), os estilos de vida estão relacionados à globalização e podem ser relacionados a rotinas cotidianas, como por exemplo: hábitos, formas de comer, formas de vestir, modos de agir, comportamentos, lugares frequentados etc. Porém, cada decisão que é assumida contribui para a alteração dessas rotinas, e,

assim, para a reformulação do “eu”. São escolhas sobre como agir e sobre quem ser, e estão intimamente relacionados ao ambiente onde sujeito está inserido.

As identidades contemporâneas podem ser descartadas no momento em que se tornarem inconvenientes. O sujeito que não estiver satisfeito com o seu “eu” momentâneo pode descartá-lo e adquirir outro neste grande mercado de estilos de vida. Estas escolhas nos revelam um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que os sujeitos podem consumir seus estilos de vida desejáveis, eles apresentam insatisfações pessoais.

Giddens (2002), nos lembra ainda, se referindo às escolhas de estilos de vida das classes desfavorecidas, que a modernidade “produz diferença, exclusão e marginalização”. Para Giddens (2002), os estilos de vida também se referem “a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material” (Giddens, 2002, p. 13)

Já para Hall (2011), sua inquietação está em compreender como acontece o fenômeno da “crise de identidade”, que, segundo ele, é:

[...] vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2011, p. 7).

Ou seja, para o autor as transformações que a sociedade moderna vem passando, estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2011, p. 9), assim, essas transformações estão afetando também as identidades pessoais, criando um deslocamento ou descentração do sujeito, que para Hall (2011) constitui a “crise de identidade”.

Concordando com o autor, Silva (2013), relata que alguns autores recentes argumentam que as “crises de identidade” são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que tem sido definidas como características da vida contemporânea, ou seja, para o autor essa complexidade da vida moderna,

globalizada, exige que assumamos diferentes identidades e que essas, podem estar em conflito, principalmente em relação aos jovens.

2.3. Culturas juvenis

Ao pensarmos na juventude e seus estilos de vida é comum pensarmos no espaço público como um importante ambiente para a manifestação das culturas juvenis. O contato com outros jovens permite o aumento da sociabilidade, novas formas de aproveitar o tempo livre e amplia a possibilidade da utilização de espaços públicos do bairro e da cidade.

Deste modo, a condição juvenil atua em um processo de transformações significativas, procurando ocupar os espaços públicos com cenários de arte, música, dança etc. Segundo Filipouski (2012, p. 55):

Por meio de manifestações artísticas e culturais, a juventude se situa em seu tempo, amplia horizontes, transforma a realidade e constrói projetos de vida, invertendo a lógica que costuma reduzir esta etapa a uma fase de riscos e vulnerabilidade. (Filipouski, 2012, p. 55)

Para a autora, “a força transformadora da arte está ligada à construção de identidades e tem sentido social, pois inclui artistas e espectadores, constituindo um sistema de comunicação.” (Filipouski, 2012, p. 55) Nesse sentido, Filipouski (2012) pontua que a arte significa além de entretenimento e lazer, uma expressão coletiva e construção de identidades. Podendo ainda, auxiliar a promoção da inclusão social, chamar a atenção para determinadas situações, resgatar e redimensionar tradições, sensibilizar para um aprendizado e se transformar em uma profissão. (Filipouski, 2012, p. 55)

Percebemos que o jovem se interessa pelas artes por conta de sua abordagem do mundo, de seus relacionamentos, da cultura e da pluralidade de pensamentos, o que permite a valorização do indivíduo e o crescimento pessoal, social e econômico.

As mais diversas expressões artísticas da juventude acontecem especialmente em nossas metrópoles, no entanto, também podem ser encontradas em pequenas cidades e mesmo em bairros menores e/ou rurais, onde se estimula a

valorização da cultura e das tradições. Estas manifestações vem crescendo consideravelmente, permitindo aos jovens produzir e consumir arte e cultura.

Deste modo, os movimentos culturais juvenis procuram representar as diferentes gerações e etnias que formaram a povo brasileiro. Essa constatação pode ser exemplificada pela crescente procura por estilos artísticos como o hip-hop, o grafite, o rap e o samba.

Essas formas “descomprometidas” de desenvolvimento de lazeres, artes e culturas, para Brenner (2005):

[...] possuem, entretanto, uma grande afetividade social para o estabelecimento de valores, conhecimentos e identidades. No espaço-tempo do lazer, os jovens consolidam relacionamentos, consomem e (re) significam produtos culturais, geram fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural. (Brenner, 2005, p. 177)

Pontua ainda que, os espaços de cultura e lazer, com todas as suas potencialidades, se colocam na perspectiva do direito:

Falar em direito cultural implica criar condições de produção cultural, esta compreendida como acesso a produtos, informações, meios de produção, difusão e valorização da memória cultural coletiva. Espera-se que uma política pública democrática neste âmbito seja capaz de promover cidadania cultural que amplie a capacidade crítica dos jovens ante a tendência de indústrias culturais de homogeneizar e reforçar guetos de identidade. (Brenner, 2005, p. 177)

Assim, percebemos que no ambiente escolar, por exemplo, onde são indispensáveis as ações para formação do caráter, é importante que ocorra com frequência o inter-relacionamento com as produções culturais, que favorecem a construção do ser. Estas ações inter-relacionadas permitem acrescentar novas experiências, sentimentos e expressões aos jovens, ampliando seus conhecimentos históricos, políticos e culturais.

3. DILEMAS E DESAFIOS EDUCACIONAIS EM TEMPOS LÍQUIDOS

O que é cidadania? Por que a formação de jovens para o exercício da cidadania é importante? Como deve ser o trabalho pedagógico para essa formação? Por que o sentimento de pertencimento é importante na construção da cidadania?

Esses são alguns questionamentos sobre o tema da formação feitos por muitos profissionais da educação que atuam com os jovens atualmente. São reflexões importantes tendo em vista que se referem a aspectos conceituais e metodológicos imprescindíveis ao trabalho pedagógico.

O conceito de cidadania é amplo e permite que nos debrucemos em suas diversas interpretações. Tradicionalmente, a cidadania é compreendida como um conjunto de direitos e de deveres que proporcionam ao sujeito a participação na vida pública e política de sua comunidade, cidade, estado e país. Contemporaneamente, podemos percebê-la também pautada na democracia, na igualdade, na equidade, na justiça e na efetiva participação dos membros da sociedade em suas importantes decisões.

Nesse sentido, tendo em vista que o presente trabalho discute a temática do sentimento de pertencimento de alunos de um bairro de Armação dos Búzios, dando ênfase à sua relação com a cidade e com o bairro, não há como deixar de pontuar a relevância da participação da escola neste processo. Ao analisarmos a temática do pertencimento, estamos também nos referindo à cidadania, no sentido que, o conceito de cidadania está inteiramente associado à ideia dos direitos individuais e também à noção de pertencimento a uma comunidade.

Os órgãos governamentais, que estabelecem a política educacional, consideram de extrema importância a educação para a cidadania, no entanto, este compromisso com a formação dos alunos e a valorização da escola, como um lugar privilegiado para este exercício, ainda encontra inúmeras dificuldades relacionadas com as práticas de trabalho e as relações com a comunidade.

As crescentes e sistemáticas mudanças em nossa sociedade impõem ainda maiores desafios ao processo de educação para a cidadania, exigindo uma maior participação política, social e cívica dos atores envolvidos.

3.1 Construindo identidades no espaço escolar

Considerando que o conceito de cidadania transforma-se a partir das mudanças particulares de cada sociedade, destacamos a utilização, neste trabalho, da definição do conceito cidadania e de cidadão relatada pelo autor Saviani (2001):

Em que consiste a cidadania? O que significa ser cidadão? Ser cidadão significa ser sujeito de direitos e de deveres. Cidadão é, pois, aquele que está capacitado a participar da vida da cidade, literalmente e, extensivamente, da vida da sociedade. (Saviani, 2001)

Nesse sentido, sabe-se que as questões relacionadas à participação na sociedade, sobre a cultura e a cidadania estão inerentes a todo processo educativo, de modo que não existe a possibilidade de se pensar em uma educação que não esteja intimamente ligada a cultura da sociedade na qual está inserida e no momento histórico em que se situa. Deste modo, a reflexão e a discussão desta temática é extremamente importante ao se pensar no desenvolvimento do pensamento pedagógico de uma escola e na sua relação com a construção da identidade de seus alunos.

Deste modo, Pérez-Gomez (1998) propõe que entendamos a escola como um espaço de “cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados” (Pérez-Gomez, 1998, p. 12). Essa perspectiva sugere que os profissionais da educação, sejam capazes de perceber as diferentes culturas que se desenvolvem no espaço escolar e que direcionem um novo olhar e uma nova postura sobre elas.

Para o autor, a cultura é como um tecido de significados, expectativas e comportamentos, discrepantes ou convergentes, que um grupo humano compartilha. Diante disso, a cultura representa bem mais do que simples conceitos, valores e crenças impostas, ela transcende a mera reprodução e implica a inserção na sociedade de modo a interpretá-la de diferentes formas, transformá-la e criar novas construções sociais. (Pérez-Gomez, 2001)

Conforme o mesmo autor:

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da *cultura crítica*, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosóficas; as determinações da *cultura acadêmica*, que se refletem no currículo; as influências da *cultura social*, constituídas

pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da *cultura institucional*, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da *cultura experimental*, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno. (Pérez-Gómez, 1998, p. 17)

Nesse sentido, com o objetivo de formar cidadãos capazes de intervirem na vida pública, além de trabalhar com o cruzamento dessas culturas, a escola deve procurar desenvolver os conhecimentos, os comportamentos e as ideias que auxiliem a inclusão do jovem na vida política, social e cultural do ambiente em que está inserido, considerando que essas esferas requerem “participação ativa e responsável de todos os cidadãos considerados por direito como iguais” (Pérez-Gómez, 1998, p. 20).

Contraditoriamente, percebemos uma sociedade que tem procurado induzir nossos jovens à submissão, à disciplina, à exclusão e à concordância das diferenças sociais. Assim, frente a uma função tão difícil e conflitante que a escola apresenta, Pérez-Gómez (1998) pontua:

[...] uma ideologia tão flexiva, frouxa e eclética [...] cujos valores são o individualismo, a competitividade, a falta de solidariedade, a igualdade formal de oportunidades e a desigualdade “natural” de resultados em função de capacidades e esforços individuais. Assume-se a ideia de que a escola é igual para todos e de que, portanto, cada um chega onde suas capacidades e seu trabalho pessoal lhes permitem (Pérez Gómez, 1998, p. 16)

Para o autor, a escola, não pode anular as desigualdades, como se elas não existissem. Ele acredita que a escola deve apresentar o conhecimento e orientar os alunos à utilizá-lo de maneira crítica, de acordo com seus interesses e possibilidades:

[...] para provocar a organização racional da informação fragmentaria recebida e a reconstrução das preconcepções acríticas formadas pela pressão reprodutora do contexto social. [...] É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciação e a criação. (Pérez-Gómez, 1998, p. 26)

Nesse sentido, Saviani (1980) pontua que as funções das instituições educacionais seriam as de “ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações [...]. Portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, quer dizer, a sua promoção” (Saviani, 1980, p. 51).

Deste modo, para Saviani (1980) promover o homem significa “torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens”. Para tanto, o autor pontua que é necessário organizar para a educação sistematizada objetivos claros e precisos, quais sejam: educar para a sobrevivência, para a liberdade, para a comunicação e para a transformação. (Saviani, 1980, p. 52)

Nesse sentido, acreditamos que a formação para a cidadania é essencial ao aluno, à comunidade escolar e à sociedade. O jovem vivencia, nesse período, uma ampliação de seus espaços de convivência e em contato com outros jovens, professores, funcionários da escola e familiares, ele participa de diferentes atividades nas quais convive com a pluralidade de ideias e de comportamentos, passando a perceber que existem necessidades e interesses individuais e coletivos. Por meio das experiências vivenciadas no ambiente escolar, o jovem pode desenvolver maiores laços afetivos com a comunidade e com os integrantes da escola. Ao participar dessas vivências e estabelecer relações pessoais, ele se sente pertencente ao ambiente, passando também a compartilhar memórias, percepções e perspectivas com outros integrantes da comunidade escolar.

3.2. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientações para a construção da cidadania

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referem-se a um conjunto de documentos que foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Segundo o INEP (2011), os PCNs “traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado

e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender”.

Embora sua utilização não seja obrigatória, grande parte da rede educacional pública do país tem utilizado os PCNs como norteadores do trabalho de professores, coordenadores e diretores.

Os PCNs partem da compreensão do currículo como algo em processo permanente de construção “propondo uma agenda afirmativa que possibilite a superação dos entraves ou das omissões identificados nas orientações curriculares anteriores” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008). Sendo assim, apresentam diretrizes, caminhos, conteúdos, linguagens e critérios de avaliação a fim de expandir as possibilidades para os profissionais da área.

No que diz respeito à temática da cidadania, no livro que se refere à Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais temos a menção ao tema:

Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infraestrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir. Se existem diferenças socioculturais marcantes, que determinam diferentes necessidades de aprendizagem, existe também aquilo que é comum a todos, que um aluno de qualquer lugar do Brasil, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, deve ter o direito de aprender e esse direito deve ser garantido pelo Estado. (Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 28)

Nesse sentido, os PCNs buscam fortalecer a unidade nacional e a responsabilidade do Governo Federal com a educação e ao mesmo tempo, busca garantir, também, o respeito à diversidade que “é marca cultural do País, mediante a possibilidade de adaptações que integrem as diferentes dimensões da prática educacional” (Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 28).

Para tanto, o documento propõe que os conteúdos escolares estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico:

Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações

Os PCNs (1998) sugerem que o sujeito seja capaz de atuar com competência, dignidade e com responsabilidade; que não opere pela discriminação, mas sim pelo respeito à pluralidade cultural, social, linguística; que seja capaz de inserção e participação sócio, política e cultural; que seja capaz de lidar com o mundo do trabalho, ao ter capacidade de iniciativa e de inovação; que desenvolva capacidades importantes para a formação do sujeito, dentre as quais a de inserção social; que seja autônomo. Nesse sentido, a escola deve “assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania” (PCNs, 1998, p 27).

Segundo o documento, a educação pode contribuir para diminuir as diferenças e desigualdades, na medida em que acompanha os processos de mudanças, oferecendo formação adequada às novas necessidades da vida moderna.

Como verificamos no primeiro capítulo deste trabalho, o sentimento de pertencimento está relacionado com as experiências e vivências do jovem no ambiente em que está inserido. Essa participação (ou a falta dela) pode acentuar ou diminuir esse sentimento. Deste modo, a escola ao trabalhar os conteúdos buscando relacioná-los às vivências dos alunos, incentiva a percepção e a correspondência do jovem com o ambiente. Motivando assim, o seu exercício de cidadania, que de acordo com Loureiro (2002) é:

[...] algo que se constrói permanentemente, que não possui origem divina ou natural, nem é fornecida por governantes, mas se constitui ao dar significado ao pertencimento do indivíduo a uma sociedade, em cada fase histórica. (Loureiro, 2002, p. 27)

Os PCNs referem-se à cidadania como ativa, tendo como "ponto de partida a compreensão do cidadão como portador de direitos e deveres, mas que também o vê como criador de direitos participando na gestão pública". (Parâmetros Curriculares Nacionais, Apresentação dos temas transversais, 1997, p. 20) O documento trata o tema o relacionando com a democracia, que é entendida como "uma forma de sociabilidade que penetra em todos os espaços sociais". (Parâmetros Curriculares Nacionais, Apresentação dos temas transversais, 1997, p. 20).

Nesse sentido, os PCNs propõem que a escola assuma a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, busque superar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais a aprendizagem, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade. Os documentos sugerem ainda que o tema cidadania seja trabalhado não apenas como tema transversal e sim como um assunto imbricados na metodologia da instituição.

Para que a educação possa avançar nesse processo, o papel dos docentes é de extrema importância. Deste modo, a formação inicial e continuada do docente apresentam-se como questões prioritárias para melhorar a qualidade deste atendimento. O aprofundamento da temática da formação cultural brasileira se faz imprescindível, outro ponto importante, refere-se a uma autorreflexão da construção da identidade de cada educador, levando-o a se perceber no ambiente no qual está inserido. Esse exercício pode auxiliá-lo a entender como ocorre esse mesmo processo em seus alunos. (Moreira, 2003)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

O intuito desta pesquisa foi o de conhecer como vem sendo a construída a identidade de jovens do 9º ano do Ensino Fundamental que moram no bairro da Rasa, no município de Armação dos Búzios/RJ, pontuando ainda, reflexões em torno da prática pedagógica em relação a construção da cidadania.

Para esta análise, trabalhou-se com a pesquisa qualitativa, tendo em vista que esta forma de abordagem, que encontra eco na perspectiva de Lüdke e André (1986), deverá priorizar os seguintes aspectos: a pesquisadora permanecerá em contato direto com os sujeitos da pesquisa, levantando dados em seu ambiente natural, neste caso, na escola municipal selecionada e no bairro em que os jovens vivem. Para os autores, na pesquisa qualitativa destaca-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Instrumentos estes que vêm ganhando muita aceitação e credibilidade no que diz respeito a análises de questões relacionadas com ao ambiente escolar.

Portanto, utilizou-se também a etnografia, observações, entrevistas, aplicação de questionários, construção de redação, e levantamento bibliográfico, sendo este um instrumento extremamente importante tendo em vista que os assuntos: construção de identidade na contemporaneidade e sentimento de pertencimento, são amplos e admitem diversas interpretações. Os teóricos permitiram uma visualização clara dos temas, fazendo com que a literatura ficasse o mais próximo da realidade, dando segurança às discussões da pesquisa.

Participaram da coleta de dados 68 alunos do 9º ano, das turmas 900, 901 e 902 do turno da manhã, doze professores, além da diretora e da orientadora educacional do turno da manhã.

Como ponto de partida, foram feitas observações em sala de aula, após, foi solicitado aos jovens que contassem através de uma redação como é sua vida na cidade de Armação dos Búzios e no bairro em que moram. Para tanto, solicitamos que relatassem o que gostam de fazer, como se sentem morando neste local, contando um pouco sobre sua vida na escola, sua relação com os amigos e com os professores, o que fazem em seu tempo livre e que atividades extra realizam.

Inicialmente, a escrita da redação foi escolhida como instrumento único de coleta de dados, considerando que, através dela, obteríamos um elevado e detalhado número de informações a respeito da construção da identidade desses alunos. Porém, após ir até as turmas, por diversas vezes, explicar a importância da pesquisa, a maioria dos alunos não demonstrou interesse em participar desse tipo de atividade, fazendo com que houvesse a necessidade de se elaborar também um questionário.

Assim, no segundo momento, a partir dos dados coletados na redação, foi possível perceber os temas mais pontuados pelos jovens, permitindo assim, a construção de um questionário contendo 32 perguntas sobre seus dados pessoais e sobre sua relação com a cidade de Armação dos Búzios, com o bairro em que reside e com a escola em que estuda. O questionário teve como o objetivo traçar um perfil dos jovens, buscando conhecer o seu sentimento de pertencimento em relação ao bairro e a cidade em que vivem e as suas percepções em relação a escola em que estuda.

Na última etapa, foram realizadas entrevistas com os professores, a orientadora educacional e a diretora adjunta.

4.1 Características do ambiente pesquisado

Nosso trabalho foi realizado em uma escola municipal na cidade de Armação dos Búzios/RJ. A escolha desta instituição se deu pelo fato de ser uma escola localizada no bairro da Rasa, que se situa na periferia dos bairros centrais, e que atende a alunos do 9º ano, faixa etária esta que já pode apresentar uma melhor percepção de sua própria realidade.

O município de Armação dos Búzios, mais conhecido como Búzios, no ano de 2010 possuía 27.560 habitantes com a estimativa de alcançar 30.439 habitantes em 2014. (IBGE, 2014)

O crescimento econômico acelerado que observa-se hoje em dia, deve-se sobretudo a grande visibilidade do município no cenário nacional e internacional. Búzios é um dos destinos turísticos mais procurados por estrangeiros no Brasil, especialmente pela beleza de suas praias e por sua natureza preservada.

Contudo, a história de Búzios vai muito além de suas belezas e riquezas naturais. Lembramos que, a memória do município é marcada por ocupações de território, disputas pela exploração do pau-brasil, contrabando de escravos etc. Segundo o documento do Projeto ConheSer Búzios:

De acordo com os dados oficiais do município de Armação dos Búzios a presença dos negros em seu território teve início com a colonização definitiva do local motivada por atividades que empregavam a mão de obra escrava negra, principalmente a agricultura. Muitos negros fugidos de fazendas próximas passaram a se estabelecer na Rasa formando pequenos núcleos que constituíam o quilombo. Búzios também abrigou o tráfico de escravos, tanto na Rasa quanto na praia de José Gonçalves, (antiga Praia das Emerências). José Gonçalves foi um grande traficante de escravos da região sediado em Búzios. Mesmo após a proibição do tráfico pela Lei Eusébio de Queiroz em 1950, o comerciante de seres humanos deu continuidade às suas atividades, no entanto, o comerciante foi detido e teve seus bens confiscados em janeiro de 1851. (Projeto ConheSer Búzios)

Ainda segundo o documento, atualmente, os descendentes desses negros, sob a denominação de quilombolas lutam pelos seus direitos:

[...] Em 1998 foi criado o Movimento Negro de Búzios e no ano seguinte foi fundada a Associação dos Moradores Quilombolas da Rasa que originalmente englobava membros de Maria Joaquina, Baía Formosa e Rasa. Em 2010 a associação se dividiu e cada local passou a ter uma representação independente. (Projeto ConheSer Búzios)

Em relação ao bairro da Rasa, segundo Freitas (2013):

A Rasa está situada na periferia do município de Armação dos Búzios (RJ) e foi ocupada a partir do século XIX por escravos fugidos e libertos que trabalhavam nas fazendas da região. Desde então a população negra da Rasa vê-se sempre em situação de vulnerabilidade e perda pensando-se nos processos de transformações da cidade, o que inclui permanentes conflitos com relação ao uso e apropriação da terra (num primeiro momento com fazendeiros e grileiros e, atualmente, fortes pressões imobiliárias, visto que a cidade se transformou em um dos principais balneários turísticos do país), deficiência no que diz respeito à infraestrutura incluindo os serviços públicos, inclusão precária no mercado de trabalho e exclusão de suas memórias a favor da consolidação de uma metanarrativa única que valoriza a imagem de uma Búzios sofisticada e bela. (Freitas, 2013, p. 2)

Nesse sentido, trabalhamos neste estudo com a construção de identidades de jovens que vivem neste ambiente marcado por essas memórias. Assim, faz-se

necessário levar em consideração todo o contexto histórico que a cidade e o bairro apresentam.

4.2 Constituição da amostra e análise dos resultados

A escola pesquisada atende a alunos do Ensino Fundamental II, Educação de Jovens e Adultos e turmas de Correção de Fluxo.

As análises aconteceram em três turmas do 9º ano do turno da manhã. Optamos trabalhar com essa faixa etária tendo em vista que as escolas municipais atendem até o 9º ano do Ensino Fundamental e que essa faixa etária seria a mais adequada para melhor expressar seus sentimentos e pensamentos em relação a cidade, ao bairro e a escola.

Conhecendo o ambiente escolar e os alunos

As observações ocorreram nas turmas 900, 901 e 902 do turno da manhã. Participaram da pesquisa do questionário 68 alunos das três turmas. Destes, apenas 27 alunos se dispuseram a participar da escrita da redação, sendo 16 do sexo feminino, 5 do sexo masculino.

Foram feitas observações durante os meses de abril, maio e junho de 2014, nas três turmas pesquisadas. Para que pudesse conhecer os alunos e a dinâmica da turma, fui apresentada aos alunos como estagiária.

No dia 11 de abril, na turma 900, durante observação de uma aula de Português onde o conteúdo trabalhado eram as classificações dos verbos, a professora utilizou o seguinte exemplo: *“Eu vou comprar uma casa na Rasa.”* Ao fundo da sala de aula, uma aluna espontaneamente gritou: *“Credo, professora! Por que logo na Rasa?”*. A professora riu e não respondeu a aluna.

Já no dia 13 de maio, novamente na turma 900, a professora de Inglês entregou os trabalhos já corrigidos e reservou os minutos finais de seu primeiro tempo de aula para que os alunos estudassem para a prova, também de Inglês, que logo aconteceria. A professora se dirigiu ao quadro e iniciou uma breve revisão dos conteúdos, utilizando os seguintes exemplos: *“Búzios is smaller than Cabo Frio”, “Cabo Frio is larger than Búzios”, “São Paulo is more polluted than Búzios”*.

A professora, questionou ainda, buscando outros exemplos de comparações: “Dentre as cidades da região dos lagos podemos considerar Búzios como a menor cidade?” Os alunos citaram “Unamar” e “Barra de São João” como menores e a professora explicou que essas localidades são consideradas distritos e não cidades. Uma aluna gritou: “*Maria Joaquina!*”. A professora justificou que Maria Joaquina seria um bairro de Búzios e não uma cidade. Logo alguns alunos discordaram, informando a professora que Maria Joaquina refere-se a um bairro do município de Cabo Frio. Rapidamente, a mesma aluna gritou: “*Aê! Eu moro em Cabo Frio!*”, iniciando uma longa discussão onde os pontos positivos de morar em Cabo Frio foram exaltados em detrimento de morar na cidade de Armação dos Búzios e no bairro da Rasa.

Essas primeiras observações foram importantes para perceber como os alunos se comportavam em situações em que eram citadas questões em relação as localidades em que vivem.



Em seguida, foi solicitado aos jovens que escrevessem uma redação. O objetivo da redação era o de coletar as informações sobre a vivências dos alunos em relação à cidade de Búzios, o bairro em que vivem e a escola em que estudam, podendo assim, orientar a construção das perguntas dos questionários.

Ressaltamos aos alunos que a atividade não era avaliativa e que poderiam fazê-la com liberdade e criatividade, assim, deixamos que levassem a atividade para casa, combinando de devolvê-las três dias após. Infelizmente a maioria dos alunos não se comprometeu suficientemente e foi necessário solicitar a direção da escola um momento para que a realizassem durante o horário de aula. Após explicar a importância da pesquisa para as três turmas, somente 27 alunos desejaram realizá-la.

Considerando que a maioria dos alunos não se identificou na escrita da redação, serão utilizados números e a letra R para referenciá-los, como por exemplo: ‘Aluno 1R’. Já para identificação dos dados dos questionários, que em sua maioria estão identificados, serão utilizados números seguidos da letra Q. Vale ressaltar que os alunos não estarão correlacionados, como por exemplo: o aluno 1R não será, necessariamente, o mesmo aluno que 1Q.

Apresentamos abaixo um exemplo de redação realizada por uma aluna:

Exemplo de Redação



Meu nome é _____ Tenho 14 anos e moro em
Biciós des de quando nasci, moro com meus pais
e minha irmã.

Aí que gosto de Biciós, sou apaixonada pelas
praia, vou sempre que posso, leitura sai com
os amigos e converso com meus primos.

Biciós não tem um lugar que seja ruim
adolescente pra fazer uma atividade manéira, pelo
menos não no meu bairro!

Moro aqui na Rosa e não tem nada
de bom pra fazer!

No escola eu vou mais ou menos, minhas
notas não estão muito altas pois não gosto da
materia dos conteúdos que os professores passam!

Um passado foi o ano que mais me dediquei
em uma matéria que comeci a me ~~interessar~~ interessar
com a forma que o professor interagia com a turma!

Não querendo ficou em Biciós por muito tempo
Tenho vontade de sair daqui pra ir fazer faculdade
de Engenharia em outro lugar.

Eu também quero na Aeronáutica.

Queria que aqui tivesse uma escola que
deu um curso que ensinasse o aluno pelo
menos o básico para que nós (os alunos) conseguíssemos
entrar na faculdade desejada.

Tenho muita vontade de sair daqui e ir
para uma escola assim.

Sendo para Engenharia ou Aeronáutica!

Como visto, na minha vida não tem nada de
ruim.

tilibra

Fonte: Dados da Pesquisa.

Para melhor compreensão da leitura da redação, observamos abaixo a transcrição da mesma:

“Meu nome é [...] tenho 14 anos e moro em Búzios desde quando nasci, moro com meus pais e minha irmã.

Até que eu gosto de Búzios, sou apaixonada pelas praias, vou sempre que posso, costumo sair com os amigos e conversar com meus primos.

Búzios não tem um lugar que reúna vários adolescentes para fazer uma atividade maneira, pelo menos não no meu bairro!

Moro na aqui na Rasa e não tem nada de bom pra fazer!

Na escola eu vou mais ou menos, minhas notas não estão muito altas pois não gosto da maioria dos conteúdos que os professores passam!

Ano passado foi o ano que mais me interessei com a forma que o professor interagia com a turma!

Não pretendo ficar em Búzios por muito tempo. Tenho vontade de sair daqui para ir fazer faculdade de Engenharia em outro lugar.

Ou também entrar na Aeronáutica.

Gostaria que aqui tivesse uma escola ou um curso que ensinasse o aluno pelo menos o básico para que nós (alunos) consigamos entrar na faculdade desejada.

Tenho muita vontade de sair daqui e ir para uma escola assim.

Sendo para Engenharia ou Aeronáutica!

Como visto, na minha vida não tem nada demais.”

Após a leitura das redações, os temas mais pontuados e relevantes para a pesquisa foram tabulados para que orientassem na construção do questionário, sendo eles:

Tabela 01: Estratificação de dados

Temas	Quantidade
Lazer/Ócio	22
Cursos/Projetos	11
Drogas	9
Violência	7
Educação/Escola	7
Reclamações do bairro e/ou cidade	8
Aspirações futuras	3
Família	3

Fonte: Dados da pesquisa

Podemos observar na análise das redações que vinte e dois alunos escreveram em sua redação a respeito de momentos de lazer e de ócio. Na maioria

dessas redações, foram pontuadas críticas como: “na minha cidade e/ou no meu bairro não tem nada para fazer.” Como apresentamos nos exemplos:

“Há 2 anos me mudei para Búzios. Já morei nesse bairro da Rasa antes, mas foi a muito tempo. Me mudei para o Rio de Janeiro mas voltei a morar aqui. Moro na Vila Verde (onde também não há nada). Apesar de ter espaços para eventos, a Rasa sempre foi assim, desatualizada. Por isso é conhecida como “cidade turística”, mas isso não é boa coisa para os moradores da região. Búzios, a Rasa, está sempre abrigando turistas em eventos mundiais como a Copa do Mundo, mas quando esses eventos se vão, nós moradores ficamos na mesma rotina.” (ALUNO 1R)

“Sou de São Paulo e moro aqui em Búzios uns 5 anos. Assim que cheguei de São Paulo morei em Manginhos uns 2 anos. Atualmente eu moro no bairro da Rasa e sinceramente não gosto muito! Aqui na Rasa não tem nada de interessante, se você quer se divertir tem que ir pro centro ou pra Cabo Frio.” (ALUNO 2R)

[...] “Minha em vida em Búzios não é muito boa porque não tem muitas coisas para aproveitar. Faltam muitas coisas e muitas coisas são muito caras.” (ALUNO 3R)

“Até que gosto de Búzios, sou apaixonada pelas praias, vou sempre que posso. Costumo sair com os amigos e conversar com meus primos. Búzios não tem um lugar que reúna vários adolescentes para fazer uma atividade maneira, pelo menos não no meu bairro. Moro aqui na Rasa e não tem nada de bom para fazer!” (ALUNO 4R)

Através dos relatos dos alunos podemos observar que os jovens apresentam certa insatisfação em morar no bairro da Rasa, tanto pela falta de opções de lazer, como pela pouca atenção que os próprios moradores recebem em comparação com os turistas que visitam a região. Ressaltamos, mais uma vez, que a utilização de espaços públicos para manifestações de cultura e para socialização é uma prática comum na juventude. Esses espaços permitem a sociabilidade que é tão importante e necessária nesta fase da vida. Por isso, quando o ambiente não se torna propício para a utilização e visitação desses jovens, é comum percebermos reações como as relatadas pelos alunos.

A convivência entre os jovens, assim como outras atividades, pode ser um importante instrumento de formação, principalmente em bairros de periferia, onde os jovens se encontram em grande número em praças, parques, etc. Isso porque é através da troca de experiências, de sentimentos, de realizações e de inquietações, que os jovens conseguem compartilhar sua visão do mundo, serem vistos e ouvidos pelos outros, estreitando seus laços de amizade, familiar e de vizinhança.

Reconhecendo assim a importância da vida comunitária, que pode acentuar o sentimento de pertencimento pelo bairro e pela cidade.

Percebemos ainda que onze alunos pontuaram questões relacionadas à cursos e projetos. Na maioria dessas redações, os alunos relataram o desejo em realizar alguma atividade que não é oferecida na cidade em que vivem, como observamos nos exemplos:

"Não pretendo ficar em Búzios por muito tempo, tenho vontade de sair daqui para ir fazer faculdade de Engenharia em outro lugar, ou entrar na Aeronáutica. Gostaria que aqui tivesse uma escola ou um curso que ensinasse o aluno pelo menos o básico para que nós (os alunos) consigamos entrar na faculdade desejada. Tenho muita vontade de sair daqui e ir para uma escola assim." (ALUNO 4R)

"Bom, a cidade não oferece cursos para nós moradores, tem pessoas que não tem condição de pagar um curso profissionalizante para estar atuando na área do Petróleo, que hoje em dia está mudando a vida de muitas pessoas porque o salário é alto. A cidade não oferece muitos cursos para nós moradores, só o Inglês, Espanhol e Informática, mas não tem vaga." (ALUNO 6R)

"Bom, aqui em Búzios não tem quase nada pra fazer. Podia ter uma escola de líder de torcida, umas aulas de dança, aula de música e mais, muito mais." (ALUNO 7R)

"Minha vida em Búzios não é muito legal. Na verdade Búzios não é legal. Aqui não tem oportunidade para os jovens, só para ser professor e ainda é difícil para conseguir um emprego de professor. Búzios é só pra rico, o que pobre faz em Búzios?" (ALUNO 8R)

Assim, ainda que alguns jovens gostem do bairro e da cidade em que vivem, necessariamente, para realização de aspirações futuras, terão que se deslocar para outras localidades em busca de cursos, que poderiam também fazer parte da ocupação do tempo livre.

Nos chama a atenção o pouco acesso desses jovens à cursos e projetos nas proximidades das localidades em que vivem, principalmente, por considerarmos que os jovens das camadas mais populares, necessitariam ser os sujeitos privilegiados dessas ações.

Observamos ainda que, o aluno 8R pontua que *"Búzios é só pra rico, o que pobre faz em Búzios?"*, assim como o Aluno 3R, que destacou que, em Búzios, *"muitas coisas são muito caras"*. Estes relatos são fortes e muito significativos como marcadores de identidade. Refletimos sobre como vem sendo a construção da identidade destes alunos que se sentem excluídos da cidade em que vivem por

apresentar uma condição financeira menos favorecida do que os turistas e investidores que frequentam a cidade. Estas visões que os alunos apresentam demonstram claramente um sentimento de pertencimento negativo em relação a cidade de Armação dos Búzios, considerando que não podem fazer parte dela por não se considerarem “ricos”.

Nesse sentido, demonstrando insatisfação com a localidade em que vivem, nove alunos relataram situações relacionadas ao consumo de drogas, sendo o segundo tema mais pontuado. Na maioria dessas redações, os alunos relataram preocupação com o envolvimento dos jovens com as drogas:

“Os adolescentes da minha região estão indo cada vez mais para o caminho das coisas ruins e que ganha dinheiro fácil. Isto é, droga e prostituição. Por que será? Mas eu acho que é porque essa região quase não tem coisas legais para nós fazermos, tanto de dia quanto de noite. Isso deixa a mente do adolescente muito vazia e mente vazia é oficina do diabo.” (ALUNO 9R)

Novamente percebemos reivindicação a respeito da “falta do que fazer” no bairro. Dessa forma, é preciso considerar que o tempo livre, quando não é preenchido por atividades formais, nem sempre representa um risco aos jovens, desde que seja ocupado com outras atividades. Neste caso, o aluno pontua que a falta de “coisas legais” faz com o que os jovens procurem o caminho das drogas.

Pesquisas recentes têm pontuado que a falta de opções de lazer tem sido um problema identificado no aumento do uso de álcool e drogas pelos jovens. Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver estratégias que ofereçam alternativas de lazer, esporte e cultura para a ocupação do tempo livre desses jovens de maneira positiva para o seu desenvolvimento.

De acordo com Abramovay (2005) essas estratégias podem ser organizadas pela escola:

Para que a escola possa melhor desenvolver um trabalho de envolvimento integral do jovem, recomenda-se que a escola organize atividades de extensão, extracurriculares, atrativas e sem o sentido de obrigatoriedade. Mas que estimulem os jovens à participação nelas, recorrendo a linguagens atrativas, atividades esportivas, cultura e lazer, considerando a potencialidade preventiva e substitutiva em relação às drogas, do envolvimento em atividades com tal teor. (Abramovay, 2005, p. 123)

Ainda, sete alunos discorreram sobre a violência que tem acontecido no bairro em que vivem, como observamos no exemplo:

"Gostaríamos de melhorias para nossa cidade e nosso bairro, cada vez mais estamos perdendo jovens para o mundo das drogas. Hoje em dia nós jovens não temos muitas atrações, tipo um projeto de esporte e educação. Estamos passando por um momento não agradável no bairro. Estamos vendo o tráfico na rua por crianças de 12, 13, 14 que já nem estudam mais." (ALUNO 10R)

Observamos ainda que, sete alunos falaram sobre educação e sobre a escola em que estudam, como por exemplo:

[...] "Há! também faço o Mais Educação, que gosto muito e que todas as professoras de lá são legais. O que eu gosto de fazer na escola quando tenho tempo livre é jogar futebol, jogar vôlei, conversar com os amigos, escutar música e jogar queimado." (ALUNO 11R)

Destacamos que a escola pesquisada oferece aos alunos o Mais Educação, que segundo o MEC (2013) constitui-se em um projeto que tem como estratégia induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. O projeto é oferecido no contra turno do horário de estudo dos alunos e infelizmente, ainda não apresenta estrutura adequada para atender a todos alunos.

Notamos ainda que oito alunos relataram insatisfação com a estrutura física da cidade e/ou com o bairro em que vivem, como observamos abaixo:

"A cidade tem que evoluir, calçar as ruas, construir praças para o lazer dos moradores, aumentar os atendimentos em postos de saúde, melhorar as escolas para aumentar os estudos." (ALUNO 12R)

Já sobre as aspirações futuras, três alunos escreveram sobre o que desejam fazer nos próximos anos:

"Ano que vem pretendo estudar no Paulo Freire, fazer formação de professor e depois me formar em Odontologia: "dentista". Minhas médias na escola são boas, tenho mais dificuldade em Matemática! Faço curso de Espanhol e pretendo fazer de Inglês também... E depois que eu me formar pretendo morar fora do Brasil! Quero conhecer lugares diferentes e pessoas novas, quem sabe quando eu for fazer faculdade me torne uma aluna de intercâmbio." (ALUNO 13R)

Três alunos pontuaram ainda a respeito de suas relações familiares, como observamos no exemplo:

[...] “E tenho agora minha madrasta que na verdade agora é minha mãe, ela se chama N.C. eu e ele às vezes brigamos muito, mas nos damos bem, porque também na verdade só tenho ela comigo agora.” (ALUNO 14R)

Destacamos a importância da família na construção da identidade desses jovens, considerando que esta pode ser como um “espaço” de afeto e de segurança, orientando e direcionando as atitudes e pensamentos desses jovens.

O jovem e sua relação com a cidade e o bairro em que vive

Diante do que foi apresentado pelos jovens, elaboramos um questionário em que os alunos que participaram da coleta de dados apresentaram idade entre 13 e 17 anos. Sendo 41% dos alunos com 15 anos, 29% com 14 anos, 18% com 16 anos, 7% com 17 anos, 3% com 13 anos e 2% dos alunos não responderam. Destes, 62% informaram ser do sexo feminino e 38% masculino.

Em relação a “Como você se considera?”, 34% relataram se considerar amarelo (a), 32% pardo (a), 19% preto (a), 10% outro (a), 3% branco (a) e 2% se consideram indígena. Dos alunos que marcaram a opção outro (a), dois relataram que se consideram negro e quatro relataram ser “morenos”.

Destacam-se esses dados, tendo em vista que, como dito anteriormente, a comunidade da Rasa é composta por remanescentes quilombolas e que ainda hoje lutam para que seus direitos sejam reconhecidos. Optou-se por questionar em relação a como se consideram, tendo em vista que a identidade racial também é um fator importante na discussão em torno do pertencimento.

É fundamental levar em conta a construção da identidade racial desses jovens, tendo em vista que, historicamente, existem ideologias que os fazem não aceitar sua pertença étnica. Ponderando que esse pertencimento racial, não é oferecido, nem é herdado, é construído e reconstruído ao longo da vida, assim como a cultura, e a própria identidade que se ponderava estável e que hoje está se tornando fragmentada, composta não de uma, mas de muitas identidades, algumas vezes contraditórias, tal como constatamos na teoria de Hall (2003).

Já em relação a cidade em que os alunos nasceram, 91% dos alunos relataram que nasceram em outra cidade e apenas 2% nasceram na cidade de Armação dos Búzios, 7% não respondeu. A maioria, 26% dos alunos, informou ter nascido na cidade de Cabo Frio. Este dado corrobora para a relevância da pesquisa, tendo em vista que como vimos anteriormente, o sentimento de pertencimento também pode estar relacionado ao tempo de vivência naquela determinada localidade. É também importante considerar que a cidade de Búzios foi emancipada em 1995, possuindo assim independência administrativa há apenas 20 anos.

Quanto ao bairro em que residem, a maioria, 41% dos alunos, informou que mora na Rasa, seguidos de 26% de alunos que moram no bairro da Maria Joaquina, vizinho e que pertencente ao município de Cabo Frio, como verificamos na tabela abaixo:

Tabela 02 - Bairro em que moram

BAIRRO	QUANTIDADE
Alto da Rasa	1
Arpoador	1
Cem Braças	1
Tamoios (Cabo Frio)	1
Cruzeiro	2
Marina	3
Vila Verde	12
Maria Joaquina (Cabo Frio)	18
Rasa	28
Não Respondeu	1

Fonte: Dados da pesquisa

Destes, 43% moram neste bairro de 11 a 15 anos, 35% de 6 a 10 anos, 18% de 1 a 5 anos e 4% moram neste bairro há menos de 1 ano.

Observamos que a maioria dos alunos vive há pelo menos 11 anos no mesmo bairro. O que pode se considerar um tempo suficiente para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento ou da rejeição. Isso acontece por exemplo, quando o jovem reside em um determinado local por um longo período mas não cria vínculos com o lugar por não apresentar afinidade com o mesmo, ou quando o jovem muda para outra cidade ou bairro e continua mantendo o sentimento de pertencimento pela localidade anterior. O sentimento de pertencimento é desenvolvido com o tempo, porém este não é o único meio.

Para melhor compreender essas localidades, verificamos no mapa abaixo a proximidade dos bairros: Maria Joaquina, Rasa, Arpoador, Vila Verde, Alto da Marina e Marina:

Figura 01 – Mapa do bairro da Rasa

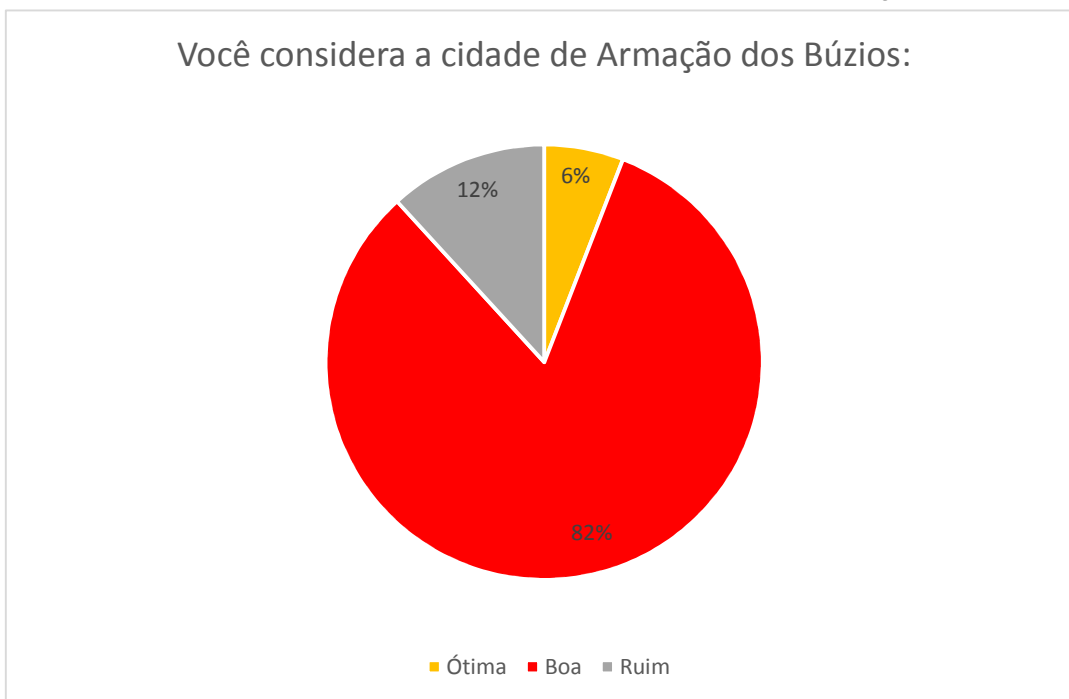


Fonte: Bing Maps (adaptado)

Podemos perceber que estes bairros citados estão geograficamente próximos, inclusive o bairro Maria Joaquina, que pertence ao município de Cabo Frio. Porém, apresentam-se distantes dos centros urbanos tanto de Cabo Frio como de Armação dos Búzios. Por conta dessas condições, o bairro da Rasa, onde está localizada a maioria do comércio, praças e praias desta região recebe a maior concentração desses jovens.

Considerando que os alunos pesquisados estudam em uma escola do município de Armação dos Búzios, localizada no bairro da Rasa, questionamos a respeito da opinião deles em relação à cidade, como observamos no gráfico abaixo:

Gráfico 01 – Como os alunos consideram a cidade de Armação dos Búzios



Fonte: Dados da pesquisa

Verificamos que 82% dos jovens consideram a cidade boa, 12% ruim e 6% a consideram ótima. Nesse sentido, para melhor compreender a relação e o sentimento desses jovens sobre a cidade de Armação dos Búzios, questionamos se os alunos gostariam de morar em outra cidade:

Gráfico 02 – Você gostaria de morar em outra cidade?



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que mais da metade dos alunos relataram que gostariam de morar em outra cidade. Esse dado mostra-se controverso, pois quando verificamos que 82% deles consideram a cidade boa, não haveria como se pensar em mudança. Portanto, perguntamo-nos o que os motiva a mostrar desejo de se mudar de Armação dos Búzios? Para melhor compreensão dessa dicotomia, destacamos as respostas relacionadas a este quesito:

Tabela 03 – Lugar em que os alunos gostariam de morar

Lugar novo para morar	Por que?
Rio de Janeiro	Aluno 2Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
	Aluno 5Q: <i>“Porque toda minha família é de lá.”</i>
	Aluno 9Q: <i>“Tenho vontade de morar lá, sei lá por que.”</i>
	Aluno 14Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
	Aluno 25Q: <i>“Para conhecer mais pessoas.”</i>
	Aluno 29Q: <i>“Para ficar perto do meu pai.”</i>
	Aluno 30Q: <i>“Porque é uma cidade bela e como todo lugar tem seus altos e baixos.”</i>
	Aluno 48Q: <i>“Porque lá é um lugar bem movimentado.”</i>
São Paulo	Aluno 16Q: <i>“Porque lá tem mais oportunidades de estudo e trabalho.”</i>
	Aluno 17Q: <i>“Pois tem mais oportunidades de emprego e educação.”</i>
	Aluno 20Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
	Aluno 32Q: <i>“Porque eu gosto mais de São Paulo apesar de querer morar em Geribá.”</i>
	Aluno 67Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
Campos dos Goytacazes	Aluno 27Q: <i>“Porque eu fico perto dos meus familiares de lá.”</i>
	Aluno 49Q: <i>“Porque é minha cidade natal.”</i>
Cabo Frio	Aluno 12Q: <i>“Porque minha casa é lá.”</i>
	Aluno 53Q: <i>“Pelas qualidades.”</i>
	Aluno Q58: <i>“Porque lá é mais legal.”</i>
Cardoso Moreira	Aluno 1Q: <i>“Gosto de lá.”</i>
Del Castilho	Aluno 15Q: <i>“Porque meus primos moram lá e o resto da família também.”</i>
Casimiro de Abreu	Aluno 21Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
Rio das Ostras	Aluno 36Q: <i>“Porque lá é mais seguro. Cabo Frio está muito violento, pessoas morrendo a luz do dia.”</i>
Itaperuna	Aluno 26Q: <i>“Porque lá tudo é perto e é muito legal.”</i>
São Gonçalo	Aluno 56Q: <i>“Porque prefiro a cidade.”</i>
Armação dos Búzios	Aluno 57Q: <i>“Porque sim.”</i>
Arraial do Cabo	Aluno 61Q: <i>“Porque meu namorado mora lá.”</i>

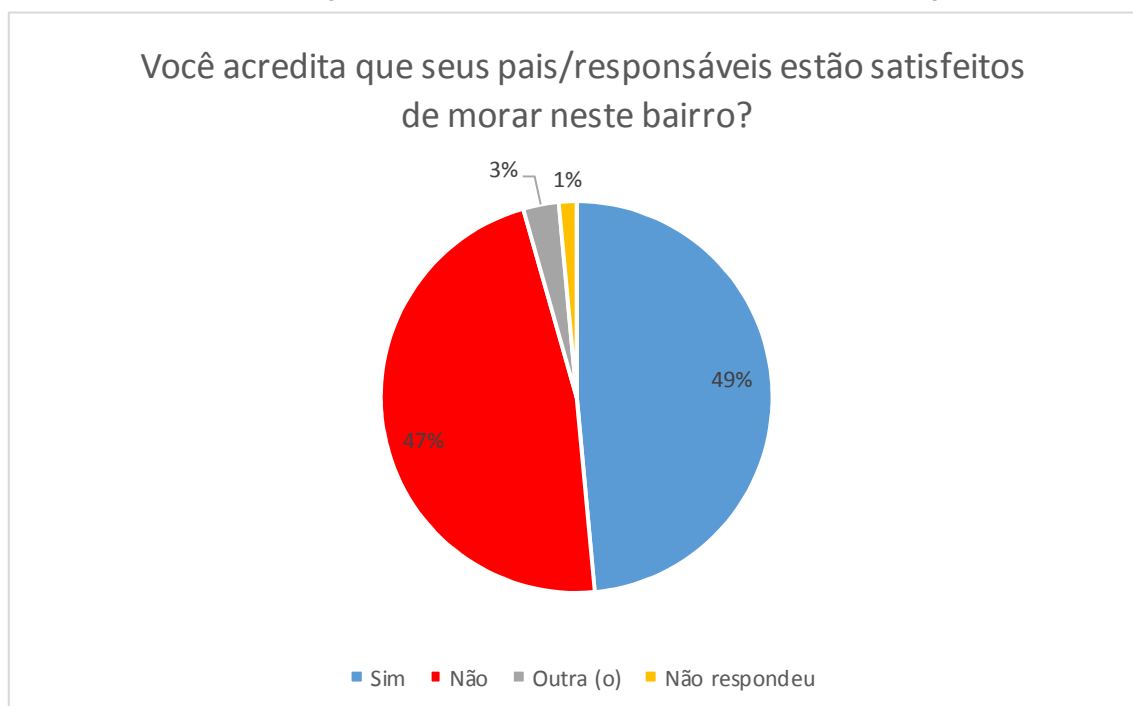
Rio Bonito	Aluno 64Q: <i>(Não respondeu o porquê).</i>
São Pedro da Aldeia ou Unamar	Aluno 43Q: <i>“Lá tem mais parques, tem praias perto das casas.”</i>
Rio de Janeiro, Macaé, São Pedro, entre outros.	Aluno 13Q: <i>“Porque ultimamente, minha cidade não tem sido o bastante para mim. Gostaria de conhecer pessoas novas, fazer coisas diferentes (ter uma vida nova)”</i>
Alguma mais populosa, com shoppings etc.	Aluno 42Q: <i>“Por Búzios ser uma cidade “pacata” de interior.”</i>
(Não respondeu o lugar que gostaria de morar)	Aluno 41Q: <i>“Para conhecer novas pessoas.”</i>
(Não respondeu o lugar que gostaria de morar)	Aluno 62Q: <i>“Porque aqui não tem muitas alternativas para o meu desenvolvimento, por não ter nenhuma faculdade ou coisas similares.”</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que as respostas estão relacionadas a ficarem mais próximos de familiares, de oportunidades, do interesse pelas qualidades do local e da busca pela segurança. Destacamos ainda que três alunos marcaram que gostariam de morar em outra cidade, porém não responderam o local nem o porquê.

Para melhor compreender estes dados, que indicam uma forte relação entre o aluno e os familiares, observamos o gráfico abaixo que indica a satisfação dos pais e/ou responsáveis dos alunos em relação ao bairro em que vivem:

Gráfico 03 – Satisfação dos pais e/ou responsáveis em relação ao bairro



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que, na visão dos alunos, 49% dos pais e/ou responsáveis, estão satisfeitos de morar no bairro em que vivem, seguidos de 47% que não estão satisfeitos, 3% relatou outra resposta e 1% não respondeu.

Analisamos abaixo as justificativas dos alunos que marcaram a alternativa 'sim':

Aluno 2Q: *"Acho que sim porque aqui é uma cidade boa."*

Aluno 3Q: *"Nunca vi eles reclamarem daqui."*

Aluno 4Q: *"Porque se não estivessem, eles mudariam de bairro"*

Aluno 6Q: *"Porque tem muitas lembranças boas."*

Aluno 8Q: *"Porque eles começaram a visitar aqui e ficamos para morar."*

Aluno 10Q: *"Porque aqui é um lugar bom."*

Aluno 12Q: *"Cresceram aqui."*

Aluno 22Q: *"Porque moramos há muito tempo aqui."*

Aluno 23Q: *"Porque não reclamam de onde moram. A vizinhança inteira se conhece então não reclamamos."*

Aluno 24Q: *"Porque é um bairro ótimo."*

Aluno 27Q: *"Porque eles falam que as coisas ficam mais fáceis."*

Aluno 25Q: *"Porque eles nunca falam de mudar."*

Aluno 34Q: *"Porque levamos uma vida boa onde moramos."*

Aluno 35Q: *"Pois nossa família toda mora lá."*

Aluno 37Q: *"Eles já moram a muito tempo aqui e nunca reclamaram."*

Aluno 38Q: *"Porque foram eles que escolheram morar lá e não ouço reclamações."*

Aluno 40Q: *"Porque se sentem bem."*

Aluno 41Q: *"Pela estabilidade financeira."*

Aluno 42Q: *"É tranquilo para eles."*

Aluno 43Q: *"Porque eles não querem sair daqui."*

Aluno 44Q: *"Porque eles falam que gostam de morar aqui."*

Aluno 50Q: *"É bem sociável, com ótimas pessoas."*

Aluno 62Q: *"Porque nunca falaram de mudar."*

Percebemos que as justificativas apresentadas pelos alunos demonstram que os seus pais e/ou responsáveis, apresentam um sentimento de pertencimento

positivo em relação ao bairro em que vivem. Esse fato ocorre, de acordo com os alunos, por conta de satisfação pessoal e com o bairro, boas lembranças, socialização, facilidades, proximidade de familiares, tempo de vivência, estabilidade financeira etc. Ressaltamos que 10 alunos marcaram a opção 'Sim' porém não justificaram a resposta.

Observamos abaixo as justificativas dos alunos que marcaram a alternativa 'não':

Aluno 5Q: *"Porque minha mãe fala sempre em ir embora."*

Aluno 9Q: *"Pois aqui é muito perigoso, tem muita morte e muito tiroteio."*

Aluno 11Q: *"Porque não tem nada de bom, tipo escola e hospital, não tem asfalto, entre outras coisas."*

Aluno 13Q: *"Porque muitas das vezes, eles comentam sobre a insatisfação de conviver neste bairro."*

Aluno 16Q: *"Porque os empregos não são tão bons quanto nos outros bairros."*

Aluno 17Q: *"Porque aqui não é tão bom de emprego."*

Aluno 21Q: *"Porque o bairro é violento."*

Aluno 29Q: *"Porque não é muito seguro e é muito distante."*

Aluno 31Q: *"Porque está ficando um bairro muito violento."*

Aluno 32Q: *"Porque as coisas hoje em dia não estão muito boas."*

Aluno 33Q: *"Porque os salário das pessoas que são formadas na cidade de Armação dos Búzios não é grande coisa."*

Aluno 39Q: *"Sempre reclamam no meu ouvido."*

Aluno 46Q: *"Tem muitas melhorias a serem feitas."*

Aluno 47Q: *"Não sei muito bem."*

Aluno 48Q: *"Pela falta de asfalto e por causa da violência."*

Aluno 53Q: *"Pelo o que acontece nele."*

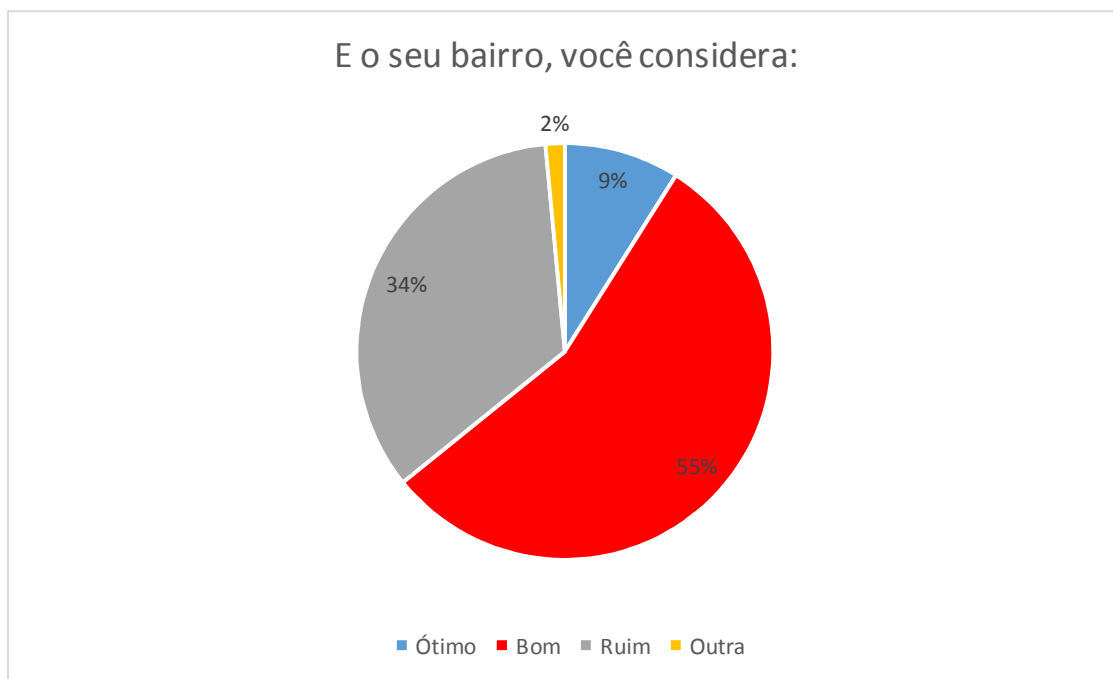
Aluno 57Q: *"Porque esse bairro é uma desgraça."*

Observamos que as insatisfações relatadas estão relacionadas com a violência, insatisfação com a estrutura do bairro, falta de empregos e baixo salário, a distância dos centros urbanos etc. Assim como na redação que os jovens escreveram, a situação em relação a violência que tem ocorrido no bairro também foi citada de maneira relevante. Ressaltamos que 14 alunos marcaram a opção 'Não'

porém não justificaram a resposta e 4 alunos não marcaram nenhuma alternativa e também não justificaram.

Assim, para melhor compreender a relação dos alunos com o bairro em que vivem, questionamos como consideram o bairro e se gostariam de viver em outro local:

Gráfico 04 – Como os alunos consideram o bairro em que vivem



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que a maioria dos alunos, 55%, consideram o bairro em que vivem bom, 34% consideram ruim, 9% consideram ótimo e 2% relatou outra resposta. Esse dado nos chama atenção quando lembramos que 82% dos jovens consideram a cidade de Armação dos Búzios boa, 12% ruim e 6% a consideram ótima.

Percebemos que apenas 12% dos alunos consideram a cidade de Búzios ruim e 34% consideram o bairro em que vivem ruim.

Para melhor compreender esses dados, verificamos abaixo a quantidade de alunos que gostariam de morar em outro bairro:

Gráfico 05 – Você gostaria de morar em outro bairro?



Fonte: Dados da pesquisa

Notamos que a maioria dos jovens não deseja morar em outro bairro, porém a quantidade de jovens que gostariam é significativa. Deste modo, observamos abaixo a justificativa pela qual desejam se mudar:

Tabela 04 – Bairro em que os alunos gostariam de morar

Bairro novo para morar	Por que?
Geribá	Aluno 4Q: "Porque gosto de Geribá. Pra mim, é o melhor lugar de Búzios."
	Aluno 16Q: "Porque tem praia perto."
	Aluno 17Q: "Porque é melhor, tem mais praias e mais lugares para lazer."
	Aluno 25Q: "Porque lá nós temos acesso mais fácil."
	Aluno 27Q: "Porque eu acho menos perigoso do que a Rasa e já está chato morar na Rasa."
	Aluno 32Q: "Não sei, talvez porque queria conhecer lá melhor."
	Aluno 47Q: "Devido a melhor infraestrutura."
	Aluno 58Q: "Porque lá é legal."
Centro	Aluno 33Q: "Lá não tem tiroteio."

	Aluno 46Q: (Não respondeu o porquê)
Vila Verde	Aluno 10Q: "Porque a maioria dos meus colegas moram lá e lá é bem agitado."
	Aluno 65Q: (Não respondeu o porquê)
São Cristóvão (Cabo Frio)	Aluno 14Q: "Porque é melhor que o meu."
	Aluno 12Q: "Porque minha casa é lá e vou morar com minha noiva ano que vem."
Alto da Rasa	Aluno 15Q: "Porque lá não tem barro e tem mais coisas para fazer durante o dia."
Cruzeiro	Aluno 29Q: "Porque a minha casa é muito distante de tudo, principalmente da escola."
Armação	Aluno 39Q: "Recebe mais atenção da prefeitura portanto é mais seguro e tem menos tráfico."
Caiçara (Cabo Frio)	Aluno 40Q: "Pois onde eu moro é quase tudo muito escasso e em Cabo Frio tem mais acessibilidade para cursos e aulas extras grátis."
Em um bairro de São Pedro da Aldeia	Aluno 1Q: "Não gosto muito da Rasa."
Em um bairro de Rio das Ostras	Aluno 64Q: (Não respondeu o porquê)
Qualquer outro	Aluno 31Q: "Estou enjoada de morar no mesmo lugar a muito tempo e não ter nada legal para fazer."
Ainda não sei	Aluno 11Q: "Onde moro é pouco movimentado."
Em um bairro mais visível	Aluno 42Q: "Por ser um bairro abandonado pelo governo municipal."
Qualquer lugar	Aluno 67Q: "Porque sim."
(Não respondeu o bairro que gostaria de morar)	Aluno 21Q: "Porque não gosto do meu."
	Aluno 49Q: "Porque no meu bairro a violência é constante e quase não saio de casa por isso."
	Aluno 56Q: "Porque o meu é uma M."

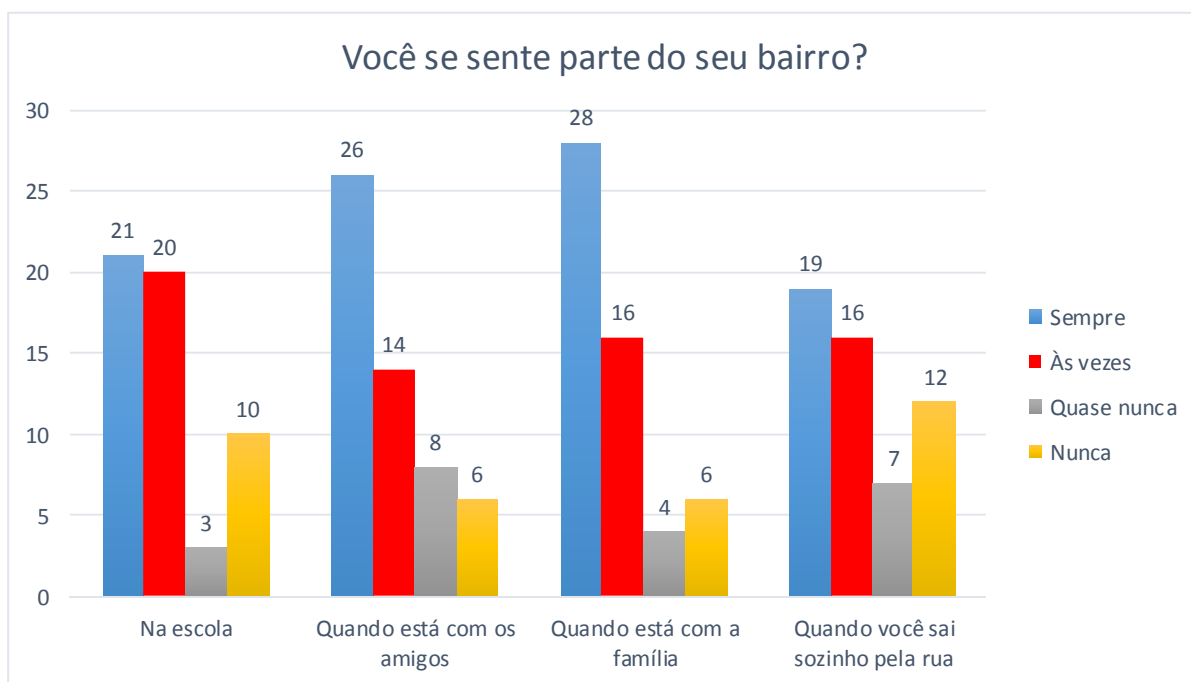
Fonte: Dados da pesquisa

Observamos ainda que, a maioria dos alunos gostaria de morar no bairro de Geribá. O bairro de Geribá é um dos mais frequentados por turistas e moradores no município de Armação dos Búzios, pois contempla uma praia extensa, repleta de belezas naturais e que recebe ainda, durante todo o ano, eventos de grande visibilidade da mídia e que reúnem artistas e jovens de todo o país. Destacamos que três alunos marcaram que gostariam de morar em outro bairro porém não responderam o local nem o porquê.

Percebemos ainda, que 4 alunos citaram a insatisfação com a violência e com o tráfico de drogas, que como temos percebido durante a análise deste trabalho, tem sido uma questão bem pontuada pelos alunos.

Foi questionado também, em relação a frequência e os locais em que os jovens se sentem mais parte do bairro em que vivem, para tanto, observamos o gráfico abaixo:

Gráfico 06 – Momento em que os alunos se sentem parte do bairro



Fonte: Dados da pesquisa

Verificamos no gráfico que a maioria dos alunos se sente parte do bairro sempre quando está com a família. Esse dado se confirma durante toda a análise dessa pesquisa, quando observamos anteriormente que, por exemplo, estar próximo de familiares faz com que os jovens gostem de morar no bairro em que vivem.

Outro dado que apresenta relevância refere-se a 10 alunos que informaram que nunca se sentem parte do bairro quando estão na escola. Nesse sentido, para Filipouski (2012):

Família e escola são importantes territórios de socialização, pois é onde são formados valores, construídas identidades, desenvolvidas competências que preparam para o trabalho e a vida adulta. (Filipouski, 2012, p. 34)

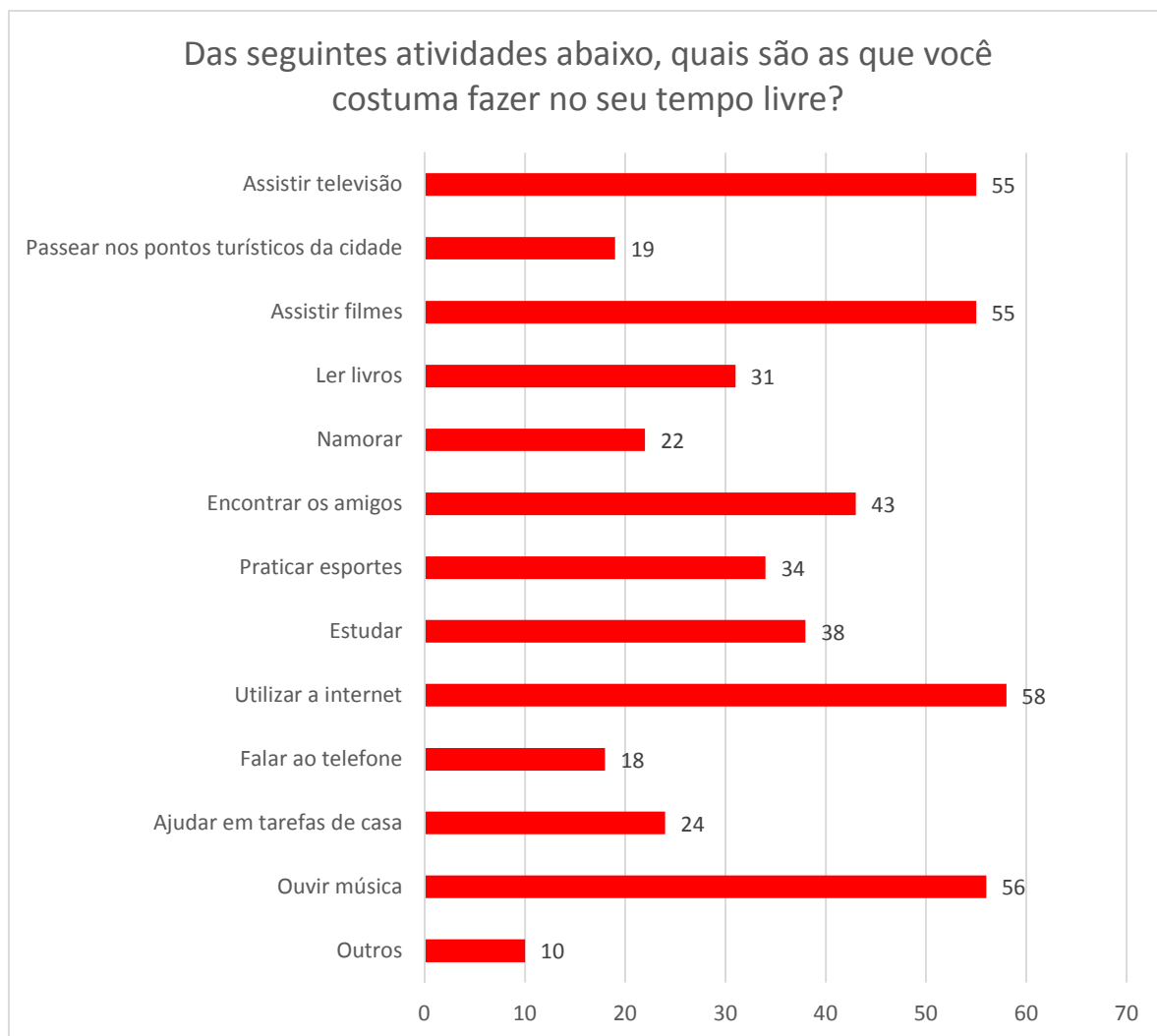
A autora pontua ainda que:

A escola faz a mediação entre o espaço privado, representado pela família, seus valores e costumes, e o espaço público, plural e diversificado. Os alunos, por sua vez, trazem consigo marcas do pertencimento familiar que serão problematizadas à medida que se ampliam as interações, incluindo outros modos de viver. [...] (Filipouski, 2012, p. 36)

Desse modo, percebemos a importância do trabalho da escola em conjunto com a família para que melhor desenvolva as potencialidades do aluno e o seu desenvolvimento de pertencimento em relação ao ambiente em que vive. Nesse sentido, mais adiante apresentaremos questionamentos e discussões referente a escola em que os jovens estudam.

Destaca-se também que 26 alunos se sentem parte do bairro sempre quando estão com os amigos e que 12 alunos relataram nunca se sentir parte do bairro quando sai sozinho pela rua. Assim, percebemos, novamente, a importância da socialização, da utilização dos espaços públicos e dos momentos de lazer e tempo livre nessa fase da vida. Como dito anteriormente, nesses momentos e locais é possível que o jovem elabore suas normas particulares, expressões culturais e modos de ser, além de proporcionar momentos de descontração e de convivência. Por conta disso, apresentamos aos alunos opções que pudessem exemplificar o que costumam fazer:

Gráfico 07 – Atividades que costuma fazer no tempo livre



Fonte: Dados da Pesquisa

Observamos que assistir televisão, assistir filmes, utilizar a internet e ouvir música são as atividades que os jovens mais costumam fazer no tempo livre. Sendo a atividade ‘utilizar a internet’ a que mais alunos costumam fazer.

Lembramos que ainda que Brenner (2005) pontua que essas formas “descomprometidas” de desenvolvimento de lazeres, artes e culturas “possuem, entretanto, uma grande afetividade social para o estabelecimento de valores, conhecimentos e identidades.” (Brenner, 2005, p. 177) Sendo consideradas assim, de extrema importância nessa etapa da vida.

Percepções de alunos e professores sobre a construção de identidades no espaço escolar

Considerando que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento de questões relacionadas a construção da identidade, do desenvolvimento do sentimento de pertencimento, da cultura e da cidadania, questionamos aos alunos, aos professores, a orientadora educacional e a diretora adjunta sobre suas percepções em relação aos temas e sobre o trabalho da escola pesquisada nesse sentido. Observamos a seguir os dados coletados.

Como dito anteriormente, foram entrevistados doze professores de todas as disciplinas das três turmas pesquisadas, a orientadora educacional e a diretora adjunta do turno da manhã.

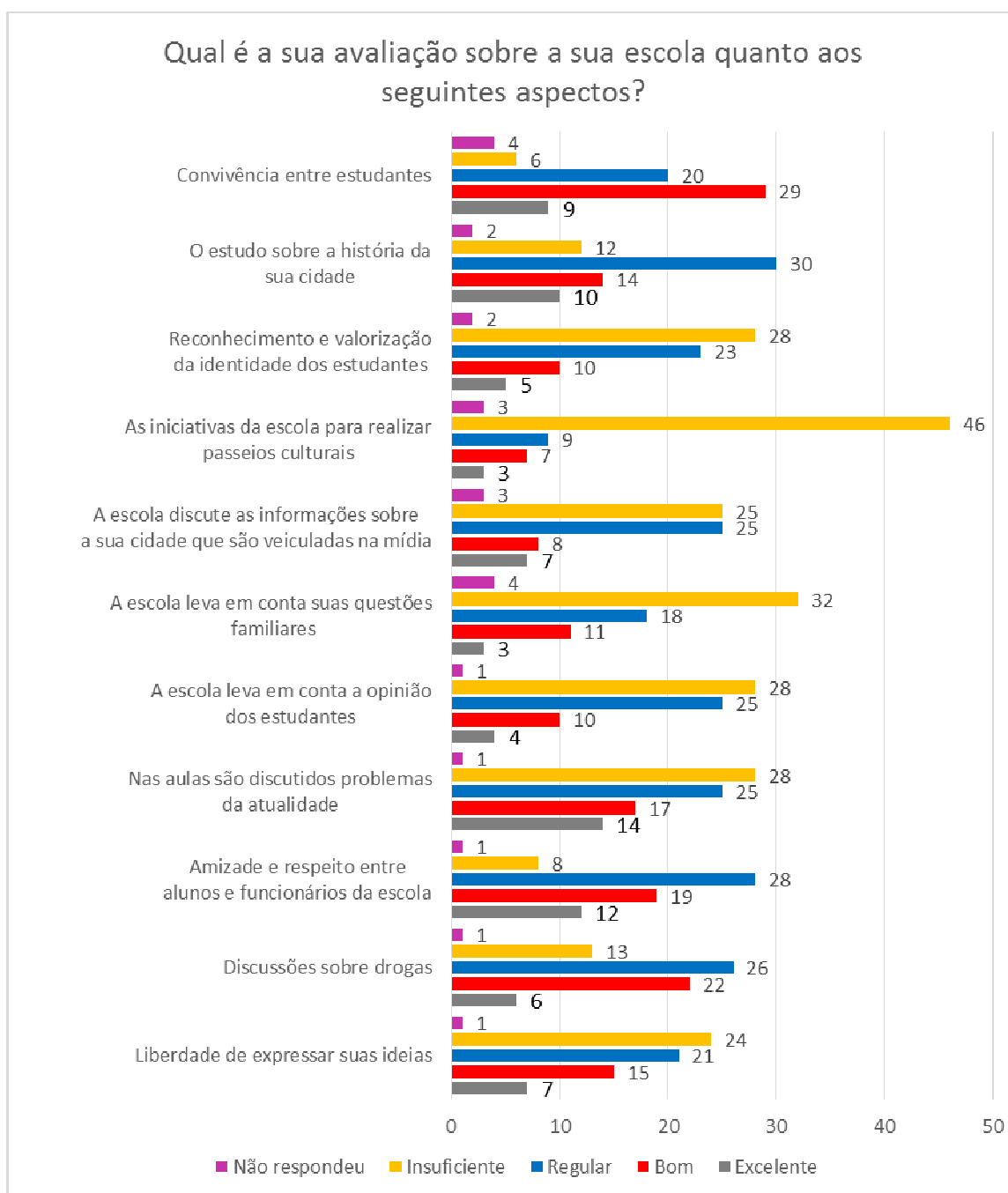
Observamos através da análise das entrevistas que, 50% dos professores entrevistados trabalham nessa profissão há mais de 10 anos, 25% de 1 a 5 anos e 25% de 6 a 10 anos. Já 59% trabalham no município de Armação dos Búzios de 1 a 5 anos, 33% de 6 a 10 anos e 8% há mais de 10 anos. Em relação ao tempo que trabalham no bairro da Rasa, 75% trabalham de 1 a 5 anos e 25% trabalham de 6 a 10 anos no bairro. A orientadora educacional exerce essa função há 8 anos, trabalhando no município de Búzios e no bairro da Rasa também há 8 anos. Já a diretora adjunta exerce essa função há 11 anos, trabalhando no município de Búzios há 17 anos, exercendo também outras funções, e no bairro da Rasa há mais de 10 anos.

Lembramos que, em relação a coleta de dados dos questionários, participaram 68 alunos do 9º ano, das turmas 900, 901 e 902 do turno da manhã.

Após análise dos questionários, observamos que 93% dos alunos informaram que estudam na escola pesquisada de 1 a 5 anos, 1% a mais de 5 anos e 6% não respondeu. Nenhum aluno informou que estudava há menos de 1 ano.

Para melhor compreender a relação dos alunos com a escola pesquisada e a avaliação que fazem dela, observamos os dados abaixo:

Gráfico 08 – Avaliação dos alunos sobre a escola em que estudam



Fonte: Dados da pesquisa

Observamos no gráfico que em relação ao item 'Convivência entre os estudantes', 9 alunos consideram excelente, 29 alunos consideram bom, 20 alunos consideram regular, 6 alunos consideram insuficiente e 4 alunos não responderam.

Este questionamento foi apresentado levando em consideração que, estar em um ambiente onde a convivência do jovem com outros jovens é positiva, colabora para que local seja agradável e que suas expressões não sejam inibidas. Para tanto, observamos que, a maioria dos alunos considera essa convivência positiva.

Já sobre a questão ‘Estudo sobre a história da sua cidade’, observamos no gráfico, que a maioria dos alunos, 30, relatou ser regular, 14 alunos consideram bom, 12 alunos relataram ser insuficiente e 10 consideram excelente. Assim, percebemos que a maioria dos alunos não considera que esse estudo seja suficiente. Como já dito anteriormente, a história de Armação dos Búzios é rica e extremamente importante para o desenvolvimento positivo do sentimento de pertencimento. Através desse estudo é possível auxiliar o aluno a se perceber e se posicionar como cidadão no ambiente em que vive.

Lembramos ainda que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei nº 9.394/96 – no seu artigo 26, destaca que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino de História Local voltada para a divulgação do acervo cultural dos municípios e estados.

Percebemos durante as análises dos questionários, que os alunos têm apresentado um sentimento de exclusão em relação à cidade de Armação dos Búzios. Nesse sentido, para melhor compreender a causa desse fato, questionamos aos professores se eles já presenciaram alguma situação de preconceito em relação ao bairro da Rasa. Observamos abaixo alguns relatos:

“Já! Até a fala já é cheia de preconceito. Não porque eles querem, mas porque eles vivenciam isso. Tem até um falso glamour, quando eu falo que trabalho em Búzios as pessoas acham que é maravilhoso trabalhar aqui: “Búzios, nossa!” Acham que aqui as escolas são super glamorosas, na praia, tem ar condicionado. E não tem estrutura nenhuma.” (Professor 1)

“No ano passado sim. No ano passado quando eu trabalhava no INEFI [outra escola situada no bairro da Rasa] eu percebi que havia um certo preconceito sim. Aqui eu ainda não senti não. No meu tipo de amizade, as pessoas não tem muita noção do que seja Búzios. Búzios fica como aquele do imaginário coletivo. É o Búzios da Brigitte Bardot. Então quando se fala em Búzios, eles pensam “naquele Búzios”. Ninguém pensa na Rasa. É a imagem de Búzios que é passada e quem não vive aqui, acha que é isso mesmo.” (Professor 2)

Observamos que os professores destacaram que percebem o preconceito relacionado à cidade de Búzios, pontuando situações em que as pessoas não conhecem o município ou a realidade dos moradores do bairro da Rasa.

Outra professora relatou que já presenciou situações de preconceito, em relação ao bairro da Rasa, através de professores de outras escolas do município:

“Já. A gente faz coordenação com um grupo de professores e tem questões éticas, mas a gente percebe. A gente percebe isso enquanto professor, que está em um patamar de conhecimento diferente e pratica isso, pratica esse preconceito. E é muito interessante, já que a gente está envolvida mais com essa questão da cultura corporal, movimento, da agressividade, esses múltiplos sentimentos que alguns, não conseguem perceber porque dentro de sala é outra perspectiva, então a gente fala: ‘Putz, trabalha na Rasa, com os meninos da Rasa.’ Então tem isso. Ainda tem essa questão da agressividade, do preconceito, enfim, do relacionamento deles com os movimentos de drogas, movimentos de tráfico, essas coisas. Então tem isso e isso é praticado também por nós professores.” (Professor 5)

Observamos ainda outros exemplos destacados pelos professores:

“Alunos das outras escolas que sempre quando comentam sobre a Rasa, comentam com um tom de preconceito, por ser o bairro da Rasa. E muito pelo contrário, aqui é uma das melhores escolas do município.” (Professor 6)

“Inúmeras. Isso é uma coisa que acontece a todo o momento. A Rasa é a exclusão. Eu ouço piadinhas assim: ‘O que é branco por fora e preto por dentro? O ônibus que vai para a Rasa.’ Então assim, são coisas gravíssimas e que estão permeando o tempo inteiro o universo desses alunos. Eles sentem que eles não pertencem ao centro de Búzios, a uma parte da cidade.” (Professor 8)

“Já vi formas até de ‘brincadeira’ em relação a eles mesmos. Mas é uma questão que em Búzios existe: que a Rasa é uma coisa diferente de Búzios. Quem está do pórtico pra lá é Búzios. Quem está do pórtico pra cá é Rasa, são outros lugares.” (Professor 9)

Destacamos ainda, a fala de uma professora que relatou já ter presenciado situações de preconceito em relação ao bairro da Rasa e em relação a outro bairro distante do centro da cidade de Búzios, onde a mesma reside:

“Uma vez, com um grupo de amigos, a gente foi em um casamento, aí depois a gente foi pra um barzinho. A gente estava conversando quando a primeira pessoa disse que ia embora. Ela é uma médica. A gente estava em um grupo de amigos que tinha médicos, administradores, engenheiros. E o pessoal começou a brincar: ‘Ih, ela já vai para o 3º distrito!’. E ela mora em Cem Braças, entendeu? E eu também. Eu senti isso meio assim. Tanto que quando eu fui embora eu falei: ‘Gente, eu vou embora porque eu vou para o 3º distrito, né?’. Aí o pessoal ficou me olhando assim, todos sem graça. Porque eles não sabiam onde eu morava. É uma brincadeirinha que às vezes, assim, que pra eles é inocente, mas não era.” (Professor 7)

Observamos que todos os profissionais entrevistados relataram fatos em que presenciaram situações de preconceito em relação ao bairro da Rasa. Nesse sentido, destacamos novamente a importância da escola no sentido de desenvolver, em seus alunos, um sentimento de pertencimento positivo em relação ao ambiente em que vivem. Sobre essa questão, observamos abaixo as falas dos professores e da diretora adjunta ao serem questionados sobre o que a escola, os professores e a comunidade escolar tem feito para despertar nos alunos um maior sentimento de pertencimento na cidade de Armação dos Búzios e no bairro em que vivem:

“Então, eu sinto que essa escola, eu posso falar dessa porque é onde eu estou, mas eu sinto que essa escola tem um papel muito importante para essa comunidade, porque as pessoas confiam no trabalho dos profissionais dessa escola. Então, essa relação de confiança, de zelo pela comunidade e as portas eu acho que estão sempre abertas para a comunidade, a gente recebe os pais aqui de uma maneira muito carinhosa, muito acolhedora. A gente fica muito feliz, agradece muito quando eles vem até a escola. Eu acho que a escola poderia promover atividades mais abertas, com os portões mais abertos para a comunidade. Mas isso é um processo também. Eu acho que existe um zelo muito grande. A começar pela merenda escolar, pela biblioteca, pelo carinho da direção e de todos os funcionários com os alunos. Porque eles estão aqui dentro, eles são tratados como nossos filhos. Talvez aqui dentro desse ambiente, seja onde eles mais se identifiquem. Seja um polo de identificação, digamos assim, com a comunidade. Porque aqui eles podem se ver e isso é essencial.” (Professor 8)

“Esse ano, inclusive, especialmente, teve um projeto para resgatar, foi até uma palavra importantíssima porque a gente não está percebendo isso aqui neles, a autoestima. Eu acho que primeiro começa com a autoestima e aí você vai chegar em outros caminhos. Você vai estar despertando no aluno uma perspectiva, um objetivo. Então, a gente procura, inclusive, focar em projetos extremamente culturais, falando da questão cultural do lugar. A gente prioriza isso para gente poder ter esse resgate, dessa valorização do pertencimento. [...]” (Diretora Adjunta)

Percebemos, através das falas dos professores, que os trabalhos que vêm sendo feitos com maiores ênfases, referem-se ao estudo sobre o bairro da Rasa, porém, também estão sendo desenvolvidos projetos sobre a história de Armação dos Búzios. Como observamos nas falas dos professores:

“Tem vários projetos aqui na escola e os professores têm trabalho essa questão. Os projetos são sobre a Rasa, a gente trabalha mais sobre a Rasa”. (Professor 3)

“Os projetos com relação ao bairro da Rasa, a origem do bairro da Rasa, a própria origem de Armação dos Búzios, dos pescadores, dessa origem negra, dos quilombolas. A escola trabalha essas questões.” (Professor 6)

[...] *“A gente sempre fala da história da Rasa, porque a história de Búzios começa por aqui.” (Professor 8)*

“Nós temos professores aqui que fazem e que já fizeram trabalhos relacionados à questão da população antiga aqui da região, para resgatar a memória não só de Búzios, mas do bairro e alguns trabalhos de campo são feitos de certa forma para valorizar o potencial turístico daqui, a questão histórica, da identidade até mesmo deles aqui dessa escola, contribuindo um pouco para essa discussão e para essa questão.” (Professor 9)

Verificamos que os professores tem buscado trabalhar sobre a história do bairro, buscando valorizar o que há de melhor nessa localidade. Sabe-que é necessário que a escola procure desenvolver pensamentos críticos em seus alunos, incentivando a busca pela libertação de pensamentos excludentes e conformistas. Nesse sentido, questionamos sobre o que os professores acreditam que ainda pode ser feito para melhorar as questões relacionadas à construção da identidade dos alunos e seu sentimento de pertencimento em relação ao bairro e a cidade em que vivem, observamos as respostas abaixo:

“Não depende mais da escola. A escola cumpre o seu papel. Depende das políticas públicas. Sem políticas públicas a escola não tem o que fazer. A escola já faz! Nós os levamos para o desfile, a gente os leva às vezes para o cinema, eles foram conhecer o mangue. A escola faz, mas depende de outras situações que não tem como a escola fazer.” (Professor 4)

“Eu acho que assim, não é uma questão da escola daqui, mas das escolas que tem esse perfil tradicional, quase a maioria. De a gente estar muito preocupado com essa burocratização da escola e do ensino. Às vezes a gente se depara com mais momentos de avaliação do que momentos de construção de projetos. As reuniões, na maioria das vezes, são para repasses burocráticos e não momentos de construção. Eu sei que isso tem várias facetas, horário de professor que não bate, essa dinâmica nossa de tripla, dupla jornada. Lógico que também eu não sou romântica a ponto de... Mas de repente assim, projetos, sabe? Mais integrados, até para tentar não desconstruir, porque a gente não está nesse processo, mas de, contrabalancear, vamos fazer uma dinâmica de aula tradicional, vamos tentar fazer uma diferente, até para ir trabalhando isso nos alunos, porque eles entendem como projeto não ter aula. Nada sério. Então é tudo muito processual, mas de repente esses caminhos de construção podem ser um ponta pé.” (Professor 5)

“Então eu acho que a gente tem que caminhar, buscar melhorias nesse sentido. Talvez mais práticas dentro da escola, que eles possam levar para fora e a gente

estender essas práticas para a comunidade. Aqui é um polo fundamental para essa identificação. Essa pouca identificação, que ainda existe.” (Professor 8)

Observamos na fala do Professor 2, uma questão bastante importante e que precisa ser considerada nesse estudo:

“Eu acho que o papel da escola é difícil nessa parte. É difícil porque a própria comunidade escolar nossa é formada de pessoas de que não são daqui. Você tem um professor que é da Rasa. Então há um distanciamento natural, por exemplo, eu venho aqui, trabalho e vou embora. A gente não consegue conviver com a população. Se a gente conseguisse um corpo de professores daqui, se o pessoal daqui estivesse sido melhor no desempenho do concurso, então aí você começa a formar uma identidade, mas só que não é isso que acontece. Os professores vem do Rio, vem de São Gonçalo, vem de Niterói, cada um segue sua vida. Eu mesmo vou para Barra de São João. Eu participo muito pouco da vida da Rasa. Eu não participo, eu não me integro. Eu estou na minha comunidade, lá eu procuro me integrar no que tem.” (Professor 2)

Quando o professor apresenta um sentimento de pertencimento positivo em relação ao bairro onde a escola se encontra, é evidente que sua disposição em transmiti-la aos alunos é mais natural e intensa. Quando o professor não apresenta esse sentimento pelo local, esse trabalho pode ficar comprometido.

Observamos ainda, que os professores acreditam que, embora a escola já esteja trabalhando para desenvolver um maior sentimento de pertencimento dos alunos, existem fatores externos a escola que tem dificultado essas ações.

Já em relação ao ‘Reconhecimento e valorização da identidade dos estudantes’, a maioria dos alunos, 28, informou ser insuficiente, seguidos de 23 alunos que informaram ser regular, 14 alunos consideram bom e 10 alunos consideram excelente. Dado este que mostra-se relevante, tendo em vista que a maioria avaliou negativamente esse item. Lembramos que, como dito anteriormente, a educação pode contribuir para que a construção da identidade desse jovem seja positiva na medida em que acompanha os processos de mudanças, oferecendo formação adequada às novas necessidades da vida moderna. Assim, para melhor compreender esse dado, observamos as definições que os professores atribuíram a identidade:

“A identidade vai ser formada a partir da história do aluno, o que que ele vivencia no contexto que ele nasceu, onde ele cresceu. Tem toda a influência da família, da história e da política do meio onde ele está inserido. Isso vai acabar influenciando no que ele é.” (Professor 1)

“É um sentimento que, no sentido do termo geográfico, é se sentir membro de algum lugar ou grupo que tenha objetivos comuns, que compartilham de algum tipo de tradição, de cultura, de espaço.” (Professor 2)

“O aluno vem para a escola com uma identidade que ele tem de casa e aqui [na escola] a gente vai agregando alguns valores que a gente tem, na vida dos alunos. Então, conforme vão se passando os anos, ele vai construindo, junto com os alunos, junto com os professores, junto com o meio em que ele vive e junto com a família. Então eu acho que essa construção é contínua e para sempre.” (Professor 4)

Observamos que os professores relacionam a identidade à história, ao contexto do local onde o aluno nasceu e viveu, à política, aos objetivos, tradições, culturas etc. Uma professora relatou ainda que a identidade está relacionada ao sentimento de pertencimento e ao exercício da cidadania:

“Eu acho que identidade mexe um pouco com a questão do ‘pertencimento’. É você pertencer e se sentir pertencido, porque essa também é uma questão diferente. Participar das decisões que acontecem naquele espaço. É aquilo que a gente pensa como praticar a cidadania. O que é isso né? Dialoga com aquele par de direitos e deveres, então, como que a gente, dentro do local onde a gente mora, a gente pode se envolver de certa forma com essas decisões, sejam elas culturais. Porque é isso, né? Uma série de ressignificações ao longo do tempo. Então aquilo que tem um significado, pode ser ressignificado a partir de um momento que a gente se coloca nessa dinâmica.” (Professor 5)

Nesse sentido, em relação ao sentimento de pertencimento, os professores consideraram que:

“Eu entendo que o sentimento de pertencimento é você se sentir como membro daquela comunidade. Pertencer àquele local. A gente tem uma população que é muito formada por imigrantes, e às vezes a pessoa fica um tempo só e sai também. Então ela nem consegue criar esse sentimento de pertencimento. Ela não consegue nem formar raiz direito. Ele já está saindo, ele veio de outro lugar. Então a ligação é muito com o exterior. A gente tem casos de alunos que moram aqui mas a família é cearense ou é mineira. Então, é difícil. Ele cai ali, vive ali mas a raiz dele está fora.” (Professor 2)

“Defender o lugar de onde você vem saber tudo que está acontecendo, saber que você é um cidadão e que você faz parte daquilo ali e que você é responsável e que também é um construtor daquela realidade que você vive.” (Professor 6)

“Eu acho que é quando uma pessoa de certa forma se identifica com o local onde vive e se vê parte daquele local.” (Professor 9)

Nesse sentido, após organizarem suas definições sobre os conceitos, questionamos como os professores têm percebido essa construção da identidade dos alunos em relação à cidade de Búzios e o bairro da Rasa:

“Com relação a Búzios é engraçado porque há um distanciamento até geográfico da península e eu acho que isso dificulta. É difícil uma pessoa daqui ela se enxergar como membro de lá. O que acontece muito é que um aluno, embora esteja aqui, ele não é morador da Rasa, ele vem das regiões periféricas da Rasa, Maria Joaquina é um exemplo. Tem muitos alunos da Maria Joaquina. Então eles ficam com essa dificuldade. Quem é da Maria Joaquina então fica mais perdido, porque na verdade ele é de Cabo Frio. E aí ele se sente mais deslocado, ele não é de um lugar nem de outro, e ele acaba sendo mal visto também na Rasa. Ele não é bem aceito na Rasa e ele não se sente parte. É como o morador da Rasa, que não se sente bem dentro da Rasa. É estranho. Essa ligação com a península é difícil. É estranho. Muito estranho. Há uma distância geográfica muito grande também.” (Professor 2)

“O que eu percebo é que há um distanciamento muito grande quando a gente fala em Rasa e quando a gente fala em Armação dos Búzios. Parece que a gente está falando de dois locais completamente diferentes. Isso eu não percebi aqui, eu já vinha percebendo nas outras escolas também, por onde eu passei, principalmente com os adolescentes, as crianças ainda não tem muito essa noção. Não tem essa noção, mas muitos não foram ‘do outro lado’, se assim a gente pode chamar. É como se eles de fato pertencessem e se percebessem diferentes daquilo que tem lá. Que é uma Búzios mais turística. É como se eles não pudessem estar ali, fazer parte daquilo ali. Com o 9º ano, ainda mais que a vem fazendo uma discussão sobre o Instituto Federal, o Colégio Paulo Freire [formação de professores], então são outras realidades. Rola um sentimento de incapacidade muito grande, como se não fosse possível habitar esse outro lugar, prestar um concurso público de 1º segmento, é como se eles não fossem capazes.” (Professor 5)

“A gente percebe claramente, e eles falam, também que se sentem marginalizados porque fazem parte de um município que ao mesmo tempo eles não se sentem parte. A gente percebe isso o tempo todo.” (Orientadora Educacional)

Observamos que os professores e a orientadora educacional percebem que seus alunos do 9º ano se identificam mais com a história da Rasa do que de Búzios. Esse dado se confirma com as análises das redações e dos questionários respondidos pelos alunos. Destacamos ainda a fala de uma professora:

“Eles acham que eles pertencem aqui a Rasa. É como se a Rasa fosse outra cidade... Que não pertence à Búzios! Quando a gente comenta alguma coisa assim na sala: ‘Ah... Porque, poxa, a gente mora em Búzios.’ Eu falo assim: ‘Vocês moram em Búzios, gente! Aqui é uma cidade conhecida internacionalmente... Quantos gostariam de morar aqui?’ Eles falam: ‘Professora, a gente não mora em Búzios, a gente mora na Rasa!’ Eles fazem essa distinção! É interessante isso...” (Professor 1)

Outra professora relatou que um aluno não conhece o centro de Búzios:

“Eu acho que alguns não entendem que moram na cidade de Búzios. Às vezes eles estão aqui na Rasa e falam: Vamos para Búzios? Eles esquecem que aqui também é Búzios. Teve até caso de um aluno que nunca foi a Búzios, ele só conhece a Rasa.” (Professor 3)

Outro dado relevante e que mostrou insatisfação dos alunos, faz referência as ‘Iniciativas da escola para realizar passeios culturais’, onde 46 alunos relataram ser insuficiente, 9 consideram regular, 3 consideram bom e 1 considera excelente. Esse resultado também pode refletir no desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos alunos. Durante os passeios culturais, os alunos, em grupos, percebem as localidades existentes próximas e distantes as suas residências, trocando experiências de percepções e de sentimentos.

Já em relação ao item ‘A escola discute as informações sobre a sua cidade que são veiculadas na mídias’, 25 alunos consideram insuficiente e também 25 alunos consideram regular. Observamos que 8 alunos consideram bom e apenas 3 consideram excelente. Vale lembrar que a cidade de Armação dos Búzios é alvo constante de produções da mídia, que constantemente “vendem” a imagem de uma cidade paradisíaca e que ainda, muitas das vezes, reproduz um cenário de violência em relação ao bairro da Rasa. Considerando que, como vimos anteriormente, a juventude atual permanece boa parte do seu tempo livre consumindo essas informações que são veiculas na televisão, na internet e no rádio, torna-se extremamente importante a estimulação ao olhar crítico do jovem em relação a essas notícias. Nessa fase da vida, é comum que a produção em massa influencie nos desejos, gostos e escolhas dos jovens.

Destacamos nessa questão, a fala de uma professora quando questionada se a mesma discute as informações sobre a cidade de Búzios que são veiculadas na mídia:

“Sim. Porque eu sinto que existe uma segregação muito forte aqui e o que a mídia mostra é uma cidade turística e os pontos não são esses aqui. A prioridade não é esse bairro. A prioridade é a Rua das Pedras, as praias. Eu converso muito com eles, até porque aqui nós temos uma, talvez, talvez não, certamente o bairro com maior diversidade cultural é o da Rasa. Pela presença de quilombos, aqui moram artistas, artistas populares e que às vezes eles não tem voz. A gente sempre fala da história da Rasa, porque Búzios, a história começa por aqui.” (Professor 8)

Já sobre a questão “A escola leva em conta suas questões familiares”, observamos no gráfico que 32 alunos consideram insuficiente, seguidos de 18 alunos que consideram regular, 11 alunos consideram bom, 3 alunos consideram excelente e 3 alunos não responderam.

Podemos perceber durante as discussões deste trabalho, que a família é extremamente importante na construção da identidade do jovem e do desenvolvimento do seu sentimento de pertencimento em relação a cidade e ao bairro em que vivem. Deste modo, esse dado apresenta importante relevância na análise desta pesquisa. Para Filipouski (2012), a escola e a família são complementares e precisam estar juntas em prol da educação dos jovens:

[...] as relações entre as famílias e a escola não podem se constituir em confronto desigual, tenso ou dificultoso para professores e pais ou cuidadores. Ao contrário, ambas tem tarefa educadora e, por isso, precisam investir na consolidação de parcerias para assegurar as aprendizagens. Elas são distintas, mas complementares. Da possibilidade de se somarem em prol da educação dos jovens dependerá o sucesso e a valorização dessas instituições socializadoras. (Filipouski, 2012, p. 38)

Deste modo, entendemos que levar em consideração as questões familiares dos alunos é conhecer e entender o seu contexto familiar e suas vivências, buscando compreender que o jovem que tem um relacionamento familiar afetado de algum modo, pode sofrer interferências em sua aprendizagem e portanto, precisará de auxílio dos profissionais da escola.

Em relação a escola levar em conta a opinião dos estudantes, 28 alunos pontuaram consideram insuficiente, 25 alunos consideram regular, 10 alunos consideram bom e 4 alunos consideram excelente. Observamos que o número de alunos insatisfeitos também é bastante significativo.

Já a respeito do item 'Nas aulas são discutidos problemas da atualidade', observamos que a maioria, 28 alunos, consideram insuficiente seguidos de 25 alunos que consideram regular, 17 alunos consideram bom e 14 alunos consideram excelente. Reconhecemos neste trabalho, a importância de se trabalhar com temas da atualidade com a juventude considerando que para despertar a consciência e o exercício de cidadania e estimular o sentimento de pertencimento, é necessário contribuir para a estimulação do olhar crítico dos jovens. Quando discutimos temas atuais, chamamos a atenção dos jovens para os acontecimentos, próximos ou não, buscando instigar um posicionamento ou uma ideia sobre aquele fato, não deixando que ele passe sem uma percepção.

Sobre a amizade e respeito entre alunos e funcionários da escola, 28 alunos consideram regular, 19 alunos consideram bom, 12 consideram excelente e 8 consideram insuficiente. Percebemos que 36 alunos avaliaram essa questão negativamente e 31 alunos consideraram que essa relação é positiva. Para tanto, ressaltamos que durante as observações na sala de aula e no pátio, foi possível perceber um bom relacionamento entre os alunos e os funcionários.

Já sobre o item 'Discussões sobre drogas', observamos no gráfico que 26 alunos consideram regular, 22 alunos consideram bom, 13 alunos consideram insuficiente e 6 alunos consideram excelente. Lembramos que o assunto 'uso de drogas' foi o terceiro tema mais pontuado pelos jovens na escrita das redações, sendo considerado assim, uma questão de extrema importância a ser discutida e que, infelizmente, de acordo com a maioria dos jovens, tem sido pouco trabalhada na escola pesquisada.

A respeito do item 'Liberdade de expressar suas ideias', que abrange um pouco de cada questão pontuada neste gráfico, pois representa a liberdade que os jovens sentem em discutir os assuntos que acreditam ser relevantes, de expor seus pensamentos e sentimentos, 24 alunos consideram insuficiente, 21 alunos consideram regular, 15 alunos consideram bom e 7 alunos consideram excelente.

Destacamos ainda que, ao término da entrevista com o 'Professor 2', o mesmo solicitou que o aguardasse pois iria buscar um material para mostrar. O professor retornou com um troféu dos Jogos Estudantis de 2012 de Armação dos Búzios:

Figura 02 – Troféu dos Jogos Estudantis de 2012



Fonte: Dados da pesquisa

Ao observar o troféu, foi possível perceber que ele apresenta a forma do mapa de Búzios, com a representação dos seguintes locais: Azeda, João Fernandes, Brava, Olho de Boi, Forno, Ferradura, Geribá, Tucuns, Manguinhos, Tartaruga, Do Canto, Armação e Ossos.

O professor relatou que embora a escola e a comunidade façam sua parte em procurar desenvolver um sentimento de pertencimento positivo em relação a cidade de Armação dos Búzios, em ocasiões como esta, dos Jogos Estudantis, é possível observar que existe uma exclusão do bairro da Rasa. É evidente que, no troféu acima estão referenciadas as principais praias do município e a praia da Rasa está localizada no limite entre a cidade de Cabo Frio, porém, o professor questionou que ao menos o mapa poderia estar completo, abrangendo também o bairro da Rasa e as proximidades.

Nesse sentido, questionamos aos professores se eles consideram que as políticas públicas vêm contribuindo para uma melhor integração dos jovens ao contexto de toda a cidade e da escola:

“Eu acho que sim. Há uma preocupação da atual administração em resgatar a Rasa. A gente consegue perceber, a gente que é de fora. Recentemente foi feito o Cine

Teatro do INEFI, que é da Rasa. Estão fazendo reforma de toda a praça, o INEFI vai ser aberto à comunidade. Há uma preocupação desta administração de trazer a valorização da Rasa. Então a gente percebe isso. Mas são políticas que vão ter resultado a médio e a longo prazo. Não dá pra esperar que seja imediato, mas a gente consegue perceber isso. Até nas próprias celebrações, lembro do dia dos trabalhadores no ano passado, foi comemorado na Rasa. Usando a Rasa como um centro, como um polo. Isso faz com que as pessoas olhem para a Rasa. Acho que quando a população começa a sentir isso, ela começa a participar mais.” (Professor 2)

“Eu não sou muito capaz de avaliar pelo pouco tempo, mas eu acho que movimentos de ida e volta, inclusive de a escola favorecer essa saída daqui da Rasa para o espaço de lá, dá pra dar essa noção. Agora tiverem os projetos na praia, então fazem a propaganda para eles. Dizem assim: ‘Ah, mas tem a dificuldade do ônibus.” E são dificuldades, barreiras, muito grande pra eles. De repente, se você permitir esse trajeto de ida e volta um pouco mais facilitado, as pessoas perceberiam, tanto de lá, que não haveria problema nenhum em conviver com as pessoas daqui e como eles: ‘Beleza! Eu também posso fazer isso.’ Isso pode ser a nível de escola, a nível de política pública municipal.” (Professor 5)

“Olha, tem um ano que eu estou aqui, mas eu vejo assim, que existe algum movimento nesse sentido. Por exemplo: eu sei que aqui em Búzios agora vai ser instalado um centro de formação de adolescentes, vai ter o PRONATEC. Só que eu acho que falta muito. Lógico que medidas estão sendo tomadas, mas diante da realidade, é muito pouco ainda, sabe? Porque esses alunos precisam ter mais acesso a uma educação de qualidade, às práticas corporais, para eles se perceberem e perceberem ao seu redor, se sentirem integrados. E eu acho que as práticas corporais, tanto no esporte quanto na arte, elas têm esse papel essencial de integração. E isso falta aqui. Acho que se nós estivéssemos oficinas circenses, de teatro, acesso a um centro de treinamento de um esporte qualquer. Isso é essencial para eles se desenvolverem e saírem dessa ignorância, porque a questão é essa. Se eles não tomarem consciência nunca vão dar o passo à frente.” (Professor 8)

Diante destas reflexões podemos perceber que os professores têm observado e refletido sobre as questões políticas, sociais, econômicas e educacionais que vem permeando o cotidiano dos alunos e, acreditamos ainda, que essa equipe vem procurando trabalhar as questões relacionadas à cidade de Armação dos Búzios e ao bairro Rasa, buscando desenvolver um olhar crítico e sensível dos alunos ao que acontece nos seus espaços de vivências. Percebemos que a maioria dos professores reconhece a importância da história na Rasa na formação da identidade de seus alunos, buscando assim, desenvolver práticas que despertem um maior sentimento de pertencimento dos alunos em relação ao bairro e cidade em que vivem.

Todavia, tais comprovações colocam-nos diante da necessidade de uma reflexão em relação aos dados apresentados pelos alunos que, na maioria das

vezes, ainda apresentam pouco e/ou fraco sentimento de pertencimento em relação a cidade de Armação dos Búzios. Além de reflexões acerca das percepções que os jovens apresentaram sobre a escola pesquisada, considerando que, foi possível perceber na fala dos professores, da orientadora educacional e da diretora adjunta que, embora tenham encontrado diversas dificuldades em trabalhar esses temas com os alunos, tem procurado desenvolver projetos, discussões, reflexões, com o objetivo de contribuir para uma construção de identidade e de cidadania positiva.

CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa pudemos perceber que diante do fenômeno da globalização as identidades têm sofrido modificações, principalmente no que diz respeito as suas (re)significações. Observamos marcas de uma identidade que está a todo o momento sendo construída e reconstruída.

Percebemos que o sentimento de pertencimento está diretamente ligado à construção da identidade, referindo-se ao compartilhamento de experiências, vivências e características pessoais e coletivas com os demais integrantes de sua comunidade. O pertencimento induz às relações sociais, à participação do sujeito em uma sociedade, comunidade ou grupo cultural, na sua relação com o espaço físico e também a outras questões relativas aos valores e referências adquiridas continuamente no processo de socialização.

A partir dessas constatações, a pesquisa teve como objetivo conhecer a visão dos alunos sobre si mesmo e sobre a localidade em que vivem, analisando que elementos identitários fazem parte da formação social e cultural destes jovens. Buscou-se ainda conhecer como a escola vem trabalhando as questões da construção da identidade e do sentimento de pertencimento desses alunos.

A metodologia utilizada para alcançar os resultados, foi de natureza qualitativa e etnográfica, através de revisão bibliográfica, questionário, observações e análise de redações escritas pelos alunos. Como marco teórico, foram selecionados autores e pesquisadores que vêm tecendo posicionamentos pertinentes às questões abordadas neste estudo.

Nesse sentido, constatamos que a maioria dos alunos pesquisados é moradores do bairro da Rasa, que fica inserido na periferia do município de Armação dos Búzios e que é constituído, em grande parte, de famílias de classe econômica baixa, negros, remanescentes de quilombolas.

Ao analisarmos, nesta pesquisa, o cotidiano desses jovens, nos deparamos com situações de desigualdade e segregação, que são fortalecidas pelo modelo vendido pela mídia e pelos investidores do município, que procuram destacar continuamente as características turísticas em detrimento das reais condições e necessidades da população local.

Essa dura realidade, que incrementa a desigualdade entre as classes e desloca os pobres para a periferia é o principal componente para que os jovens,

nestas situações, se sintam marginalizados. Nos centros urbanos e nos bairros de classe média ou alta, eles sentem-se indesejáveis, por sua condição social e/ou cor de pele, bases de um preconceito velado e dissimulado pela sociedade. Esses jovens sentem que a eles tem sido negado o espaço, os bens materiais e as oportunidades.

As consequências dessa negação tem sido fortes para estes jovens, que se percebem apenas como mais uma peça na montagem de uma engrenagem que nunca lhes favorece. Os espaços urbanos contribuem para esta sensação, na medida em que demonstram claramente onde, na visão deles, é o lugar de cada um, onde alguns dos iguais perante a lei são mais iguais que os outros, pois podem usufruir de bens e serviços que a outros é restringido.

Percebemos uma juventude que ao se expressar sobre sua vivência na cidade de Armação dos Búzios tem, em sua fala, frases carregadas de baixa autoestima, considerando que não fazem parte desse ambiente. Verificamos que esses jovens apresentam um maior sentimento de pertencimento em relação ao bairro em que vivem do que em relação à cidade de Armação dos Búzios.

Nesse sentido, sabe-se que é indispensável ao jovem sentir-se parte ativa de seu núcleo social, valorizando o que há de melhor nele e procurando mudar o que não considera tão bom assim. O jovem busca ampliar seus horizontes, muitas das vezes, recorre ao uso das tecnologias para alcançar pessoas e lugares distantes, no entanto, também sente a necessidade de estabelecer laços com a comunidade a que se sente parte, valorizando, principalmente os espaços públicos.

Neste trabalho, percebemos a escola como um importante espaço onde é possível discutir e refletir sobre a política, os direitos, os ideais e aspirações que levam ao desenvolvimento dos indivíduos e da coletividade. Por isso, destacamos a árdua tarefa que essa instituição possui em desenvolver todos os trabalhos propostos, mas consideramos indispensável que todos os atores do ambiente escolar se mobilizem também para desenvolver estes temas discutidos, como construção da identidade de jovens, sentimento de pertencimento e cidadania.

Observamos, através das entrevistas, que os professores têm procurado refletir, contextualizar e discutir com os alunos, sobre as questões políticas, sociais, econômicas e educacionais que vem permeando o cotidiano deles. Percebemos também que a maioria dos professores reconhece a importância da história na Rasa na formação da identidade de seus alunos, buscando assim, desenvolver práticas

que despertem um maior sentimento de pertencimento dos alunos em relação ao bairro e cidade em que vivem.

Em contrapartida, constatamos que os alunos apresentaram percepções negativas em relação ao modo como a escola vem trabalhando as questões relacionadas à construção da identidade. Esse resultado pôde ser observado em todos os gráficos apresentados sobre a visão dos alunos em relação à escola em que estudam. Nesse sentido, destacamos a necessidade da escola em refletir e elaborar novas estratégias para melhor trabalhar as situações relacionadas à construção de identidade dos seus alunos.

Deste modo, concluímos que, embora a escola pesquisada tenha, através da fala dos professores, buscado trabalhar de modo a desenvolver um maior sentimento de pertencimento dos alunos em relação à cidade de Armação dos Búzios e ao bairro da Rasa, este trabalho ainda tem sido insuficiente, além de existirem acontecimentos históricos, sociais, políticos e culturais que tem interferido diretamente nessa construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. **Las políticas de juventude desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil em Colombia.** Davila, O. (ed.) Políticas de juventude em América Latina: políticas nacionales. Vinã del Mar, CIPDPA, 2003.

ABRAMO, Helena, Wendel. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo.** In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. **Drogas nas escolas: versão resumida** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro. – Brasília : UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143 p.
ARATANGY, Lúdia Rosenberg. **Adolescentes na era digital.** São Paulo: Benvirá.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros - 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas** / Zygmunt Bauman; tradução, Marcus Penchel - Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade** / Zygmunt Bauman; tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____, Zygmunt. **Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

_____, Zygmunt. **Vida Líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. / Zygmund Bauman; tradução José Gradel - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; Rosedahl, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BRASIL. Lei n. 9.394. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, CXXXIV, n. 248, 23 dez. 1996, p. 27833-27841.

_____, Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP**. 2011. Disponível no site: <http://www.provabrazil.inep.gov.br/parametros-curriculares-nacionais>.

_____, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

BRENNER, Ana Karina et al. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In: Abramo, H. & Branco, Pedro Paulo (eds.). Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo. 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CATANI, Afrânio Mendes. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares**/Afrânio Mendes Catani, Renato de Sousa Porto Gilioli – São Paulo: Editora UNESP, 2008.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2010**. São Paulo: CGIBR, 2011.

CUGINI, Paulo. **Identidade, Afetividade e as Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida na Teoria de Zygmunt Bauman**. 2008. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_10.pdf>
Acesso em: 08 de março de 2015.

FARINA, Bárbara Cristina. **Inclusão e a formação de lugares: do pertencimento à estigmatização** / Bárbara Cristina Farina e Daiana de Mello Trarbach. 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(40\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(40).pdf)> Acesso em: 08 de março de 2015.

FILIPOUSKI, Ana Mariza. **Juventudes: diálogos e práticas** / Ana Mariza Filipouski e Maria Denise Crespo Nunes – Erechim: Edelbra, 2012.

FREITAS, Carolina. **Pensar e agir como quilombola: o caso da comunidade remanescente de quilombo da Rasa**. 2013. Disponível no site: <<http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Carolina.pdf>> Acesso em: 08 de março de 2015.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade** / Anthony Giddens; tradução, Plínio Dentzien - Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____, Anthony. **As consequências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma abordagem pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, Guacira. **Corpo, escola e identidade**. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____, Guacira. (Org) **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. 2ª ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa e Vera Maria Candau. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** 2003.

PÉREZ-GOMEZ, Angel I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal** / trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____, Angel I. **As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência.** In Gimeno Sacristán, J.; Pérez Gómez, A. I. Compreender e Transformar o Ensino. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

_____, Demerval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez Autores Associados, 2001.

_____, Demerval. **Ética, Educação e Cidadania.** Revista nº 15, 2011. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/saviani.pdf> Acesso em 12 de março de 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 13. ed. Petrópolis/RJ. Vozes, 2013.

SOUSA, Mauro. **O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição.** Revista USP, 2010. Disponível no site: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/68112/70670> Acesso em: 05 de setembro de 2014.

SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo, Ação Educativa, 2003.

VALLE, Edênio. **Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa.** Revista Eletrônica de Estudos da Religião – REVER. 2002. Disponível no site: http://www.puc.br/rever/rv2_2002/t_valle.htm Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

REDAÇÃO

Minha vida em Armação dos Búzios...

A ideia desta atividade é que você possa de maneira criativa nos contar um pouco como é sua vida na cidade de Armação dos Búzios. O que gosta de fazer, como se sente morando aqui, contando um pouco sobre sua vida na escola, sua relação com os amigos e com os professores, o que faz em seu tempo livre, que atividades extra realiza.

Gostaríamos que nos contasse um pouco sobre suas experiências no bairro em que vive, comentando, também, os pontos positivos e negativos de estar vivendo neste local. Este espaço será para expressar suas vivências...

Alguns esclarecimentos...

1. Esta atividade não é um teste, é apenas para conhecer suas experiências na cidade em que mora... Escreva com suas próprias mãos para torná-la mais pessoal;
2. Tente ser criativo. Esta atividade será como uma biografia sua, um pequeno livro feito por você;
3. Ilustre com algumas imagens, fotos ou desenhos de momentos interessantes que viveu em Armação dos Búzios ou no bairro em que vive e que queira compartilhar;
4. Escreva os pontos que você considera positivos e os negativos de se viver neste local;
5. Em algum momento do texto, escreva seu nome, sua idade e quanto tempo vive em Armação dos Búzios;
6. Imagino, que como tem uma vida muito interessante, gostaria de escrever mais de uma página, certo? Pode escrever entre 1 e 5 páginas! Capriche!

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO – ALUNOS

Dados Pessoais

1) Nome: _____

2) Idade: _____

3) Sexo: () Feminino () Masculino 4) Estado civil: () Solteiro () Casado

5) E-mail: _____

6) Cidade em que nasceu: _____

7) Bairro em que mora: _____

8) Há quanto tempo você mora nesse bairro? _____

9) Quantas pessoas moram na sua casa? _____

10) Recebe algum tipo de bolsa do governo? () Não () Sim

Qual? _____

11) Como você se considera:

() Branco(a) () Preto(a)

() Pardo(a) () Amarelo(a)

() Indígena () Outro (a) - Qual? _____

12) Qual a profissão dos seus pais/responsáveis? _____

Um pouco sobre você...

13) Você tem acesso à internet? () Sim () Não

14) O que você costuma fazer na Internet (marque uma ou mais opções, conforme seja o caso)?

() Não utilizo Internet
discussão

() Participar de fóruns de

- () Trocar e-mails
- () Navegar pelos sites de seu interesse
- () Fazer downloads (séries, filmes, músicas, etc.)
- () Pesquisas em sites de busca cidade/bairro
- () Conversar com pessoas (troca de mensagens) músicas
- () Participar de jogos online
- () Outro(s): _____
- () Pesquisas acadêmicas
- () Leitura de notícias da sua cidade/bairro
- () Assistir a vídeos ou ouvir músicas
- () Acessar redes sociais

15) Você gosta de viajar? () Sim () Não

16) Para que lugares você já foi? _____

17) Você considera a cidade de Armação dos Búzios:

() Ótima () Boa () Ruim

18) E o seu bairro, você considera: () Ótimo () Bom () Ruim

19) Você se sente parte do seu bairro?

	Sempre	Às vezes	Quase nunca	Nunca
Na escola				
Quando está com os amigos				
Quando está com a família				
Quando você sai sozinho pela rua				

20) Você gostaria de morar em outro bairro? () Não () Sim

Onde? _____

Por que? _____

21) E em outra cidade? () Não () Sim

Onde? _____

Por que? _____

22) Você acredita que seus pais/responsáveis estão satisfeitos de morar neste bairro? () Não () Sim

Por que? _____

23) Como você se mantém informado das notícias de sua cidade? (Marque quantas alternativas desejar).

() Televisão () Sites () Redes Sociais () Jornal Impresso () Revista
() Rádio () Não me interessa

() Outro(s): _____

24) Das seguintes atividades abaixo, quais são as que você costuma fazer no seu tempo livre?

() Assistir televisão () Encontrar os amigos (as)

() Ouvir músicas () Namorar

() Ajudar em tarefas em casa () Ler livros

() Falar ao telefone () Assistir filmes

() Utilizar a internet () Passear nos pontos turísticos da cidade

() Estudar

() Praticar esportes

(_____)

Outras:

25) Que profissão deseja seguir? _____

26) Você participa de algum projeto e/ou curso? () Não () Sim

Qual? _____

27) Você gostaria de participar de algum projeto e/ou curso?

(_____) Não (_____) Sim – Qual?

28) Você fuma cigarros? () Não () Sim () Às vezes

29) Você toma bebidas alcoólicas? () Não () Sim () Às vezes

30) Você já experimentou outra droga (Sem ser cigarro ou álcool)?

() Não () Sim

Na escola...

31) Há quanto tempo você estuda nesta escola?

32) Qual é a sua avaliação sobre a sua escola quanto aos seguintes aspectos?

Qual a sua avaliação sobre a escola em que você estuda nos seguintes aspectos:	EXCELENTE	BOM	REGULAR	INSUFICIENTE
1. Liberdade de expressar suas ideias;				
2. Discussões sobre drogas;				
3. Amizade e respeito entre alunos e funcionários da escola;				

4. A escola leva em conta a opinião dos estudantes;				
5. Nas aulas são discutidos problemas da atualidade;				
6. Convivência entre estudantes;				
7. A escola leva em conta suas questões familiares;				
8. A escola discute as informações sobre a sua cidade que são veiculadas na mídia;				
9. As iniciativas da escola para realizar passeios culturais;				
10. Acesso a computadores e outros recursos de Informática;				
11. Reconhecimento e valorização da identidade dos(as) estudantes;				
12. O estudo sobre a história da sua cidade.				

Obrigada por colaborar com essa pesquisa!

APÊNDICE 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PROFESSORES, DIRETORA E ORIENTADORA EDUCACIONAL

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Qual disciplina você ministra? / Qual o cargo que exerce nessa escola?
- 3- Há quanto tempo exerce essa função?
- 4- Qual o seu nível de formação? Já fez algum curso extra? Qual?
- 5- Em que cidade você mora? (Caso seja em Armação dos Búzios, perguntar o bairro).
- 6- Há quanto tempo trabalha no município de Armação dos Búzios?
- 7- Há quanto tempo trabalha no bairro da Rasa?
- 8- Você discute com seus alunos as informações sobre a cidade de Búzios que são veiculadas na mídia?
- 9- O que é identidade pra você?
- 10- Como você tem percebido a construção da identidade dos alunos do 9º ano em relação a cidade de Búzios e o bairro da Rasa?
- 11- E o que você entende por sentimento de pertencimento?
- 12- Você acredita que o sentimento de pertencimento em relação ao bairro e a cidade são importantes para a formação da cidadania dos seus alunos?
- 13- Você já presenciou alguma situação de preconceito em relação ao bairro da Rasa?
- 14- Você considera que as políticas públicas vem contribuindo para uma melhor integração dos adolescentes, ao contexto de toda a cidade e da escola?
- 15- Que ações você acredita poderiam ser tomadas para melhorar esta integração?
- 16- O que a escola, os professores e a comunidade escolar fazem para despertar nos alunos um maior sentimento de pertencimento na cidade de Armação dos Búzios e no bairro em que vivem?
- 17- E o que você acredita que ainda por ser feito?

ANEXOS



Campos dos Goytacazes, fevereiro de 2014.

Prezada Direção,

Sou professora do Programa de Mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF e estou orientando um Projeto de pesquisa intitulado **“ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE: O SENTIDO DE PERTENCIMENTO EM UMA COMUNIDADE BUZIANA”**, da mestranda Ana Carolina de Sousa Vaz. O Projeto tem como objetivo identificar elementos identitários que fazem parte da formação social e cultural dos adolescentes e analisar como a escola vem tratando essas questões.

Dessa forma, venho por meio desta solicitar a V.Sª a gentileza de autorizar nossa entrada em sua instituição para realização desta pesquisa através do contato com os alunos por meio de aplicação de questionários e entrevistas. Esta pesquisa tem um cunho totalmente acadêmico e os dados são totalmente confidenciais.

Atenciosamente,

Bianka Pires André
Professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF
Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem

The image shows a handwritten signature in black ink. Below the signature is a circular official stamp. The text in the stamp reads: 'Bianca Pires André', 'Diretora Adjunta', and 'Portaria nº 2014 de 27/01/2014'.